



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

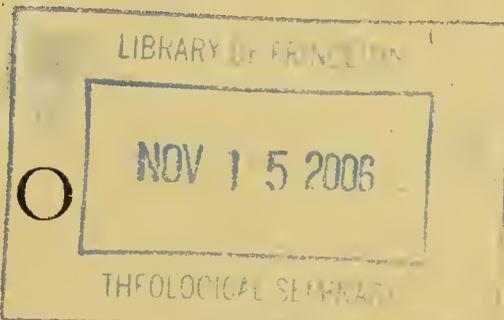
Revista Internacional do Espiritismo

LAP

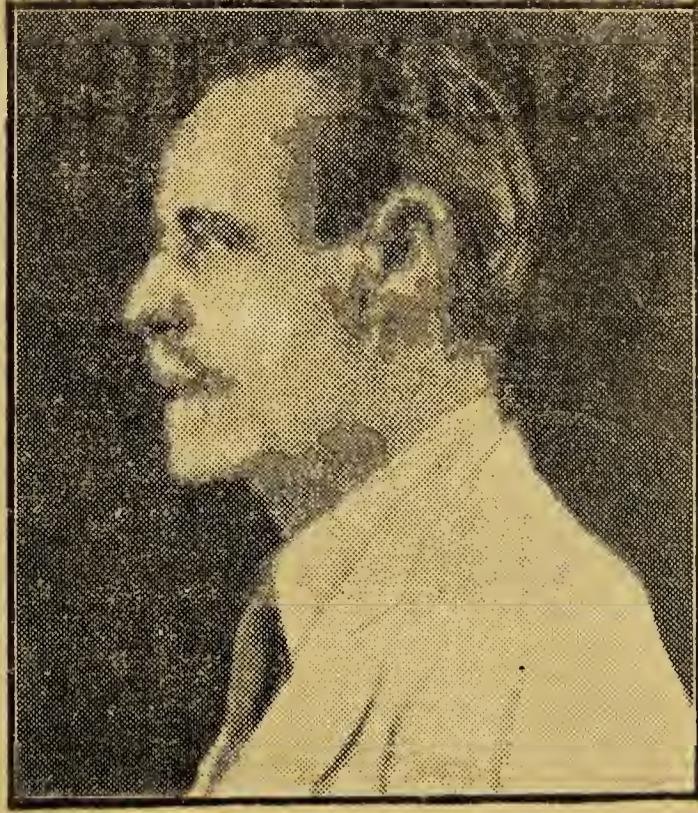
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



- Cairbar Schutel :
- Evolucionismo
- Transformismo e Espiritismo
- o Professor Arnaldo Santiago
- Matís e a Ciência
- Memórias de um Espírita Baiano
- Item de intoxicar ainda mais o
- organismo
- Como Julgamos Deus, a Verdade
- e as Religiões
- Estudo e Livre Exame
- ênica Estrangeira
- Espiritismo no Brasil
- dice



Cairbar Schutel

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
A Reencarnação

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Canção do Destino
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Sraâmbula
Memórias de um Redivivo
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.
Conselhos ao meu filho (contos)

Infantis:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Meu livrinho de Orações
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.^a edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.\$26,00, inclusive porte e registro.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. \$ 20,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

CAIRBAR SCHUTEL



FOI em 30 de Janeiro de 1938 que o nosso querido companheiro Cairbar Schutel partiu para o mundo espiritual, precisamente às 16 horas,

abrindo um vácuo em nossos corações, pois estimamos tanto Cairbar como se êle fosse um pai, mãe ou filho nosso. Êste afeto recíproco, porque êle nos estimava na mesma altura, foi o fruto da Doutrina de Jesus, agora revivificada pelo Espiritismo, o Paraclêto de sua promessa.

Cairbar Schutel, como todo espírita deve saber através de suas notáveis obras, foi um dos mais ardorosos e perseverantes difundidores da Doutrina Espírita, tanto que foi chamado de espírita número UM do Brasil por confrade de projeção no cenário espírita, outro trabalhador ativo e perseverante, Prof. Leopoldo Machado.

Como já tivemos oportunidade de afirmar, entre os espíritas que conhecemos e também cheios de boas obras, não conhecemos um que

tenha feito realmente a sua cátedra em nossos corações como Cairbar Schutel, não porque fosse êle nos-



Cairbar Schutel

so companheiro de trabalho, pois neste caso o nosso afeto por êle seria justificável, mas porque, além disso, o seu amor à Doutrina, a

sua boa vontade, o seu esforço na propaganda nos deixava maravilhados. Sentíamos o calor da sua fé, pois falava com convicção, com tal certeza que ninguém seria capaz de opôr-se às suas afirmativas, tanto mais que a sua prosa agradava em cheio, produzindo um grande bem estar nas criaturas.

Cairbar, além de ser um dos trabalhadores mais ativos na propaganda da Doutrina, amava realmente o seu próximo e até os animais, dos quais foi um dos maiores defensores e protetores. A pobreza de Matão chorou copiosamente à beira do seu ataúde. Uma preta velha, soluçando, falava alto: «Lá se foi o pai da pobreza. Que Deus o ponha no seu reino».

Cairbar Schutel foi o exemplo

do verdadeiro cristão. Por isso o seu nome crescerá à medida que o tempo avançar, assim como cresceram os nomes dos santos e profetas de Deus, através de suas grandes obras de amor e saber.

Faz portanto, no próximo dia 30, vinte anos que Cairbar Schutel deixou o plano terreno em demanda do reino de Deus, nos confiando a sua obra, a qual prossegue na sua luminosa caminhada, levando consigo as criaturas de boa vontade também para o reino de Deus onde se encontra Cairbar e outros trabalhadores da seara cristã.

Que Deus permita que Cairbar continue a nos prestar a sua assistência espiritual afim de levarmos a bom termo a tarefa que nos confiou.

Evolucionismo

LUIZ
CARAMASCHI

Então se arrependeu Deus de ter feito o homem na terra, e pesou-lhe em seu coração. -- Gên. 6, 6.

NOTA: O artigo que se vai ler é um confronto do real com o real, porém, de planos diferentes quais sejam: científico e moral. Assim o sapo é o geróglifo da avareza, simbolizando o avarento.

Quanto à linguagem do Gênese, imprópria para o nosso amadurecimento atual, deve ser considerada como um modo de falar de bárbaros. Quando o homem define Deus (certamente com pensamentos próprios, e não com frases feitas, decoradas), diz P. Ubaldi, mais não faz do que definir-se a si mesmo em relação a Deus. Não é que Deus seja a definição proposta, mas, a definição mostra o quanto o sujeito pôde conceber do divino. Dizer que Deus é justo, é bom, etc., ainda é antropomorfismo, visto como estamos emprestando atributos humanos de justiça, de bondade, etc., a Deus. Deus está para além do bem e do mal, isto é, para além do relativo,

porque o bem e o mal são relativos. Se dissermos que Deus é o infinito bem, primeiro, não sabemos o que dissemos, por não sabermos o que seja o infinito; segundo, o bem que chegou a ser infinito está para além do bem, porque êste, assim como o mal, é relativo, e só do relativo entendemos.

A Bíblia é revelação divina; todavia tôda a revelação, inclusive a divina ou bíblica, é progressiva. Assim o Jeová bíblico é um Deus tribal, egoísta, ciumento, vingativo, sanguinário, parcial, cruel e gostador do cheiro de assados, simplesmente porque é um Deus de bárbaros, concebido por e para bárbaros. É o Deus da nossa infância humana. A linguagem dêsse Deus é cheia de antropomorfismos, porque o pai, qualquer pai, quando fala ao filho, *usa a linguagem do filho*, que de outro modo não seria entendido. Afadigam-se os religiosos de tôdas as seitas, em tirar conse-

quências absurdas, dos enunciados bíblicos, porque partem da premissa de que aquêles são a palavra mesma de Deus, ditada por inspiração aos seus profetas. Não podem perceber os religiosos sectários, porque dogmáticos e fechados, que a Revelação é progressiva, desantropomorfizando-se cada vez mais através das revelações que se sucedem em cadeia. Aceitar como verdade absoluta, atual, portanto, os enunciados antropocêntricos do Gênese, é permanecer na barbárie, ou infância, pois, no Pentateuco, o Pai falou aos filhos através dos filhos (profetas), na meia língua dos filhos, e não na «super-língua» do Pai.

A linguagem antropomórfica, inferior ainda à geocêntrica, do Velho Testamento, resulta de que ela foi escrita para bárbaros, os quais, por isto, eram *sensoriais* e não *abstratos*. O Pentateuco deve ser lido, levando-se em conta que aquela é a única maneira de fazer-se compreendido no plano da consciência sensório-muscular dos sub-homens. Assim como não se pode condenar «Pinocchio», «Cinderela», «Branca-de-Neve» e quejandas, também não se deve criticar o antropomorfismo bíblico e as cumarias e barbarismos de Jeová tribal. No «Pinocchio», magistralmente, C. Collodi fez a consciência exterior ao indivíduo, representada pelo grilo falante. Esta consciência exterior, corporificada no grilo falante, seguia os ditâmes (inspiração) da fada (coisa divina), e podia, dêste modo, discutir com o teimoso Pinocchio, ainda sem vida superior, fechado nos automatismos puramente mecânicos de títere. Igualmente o gato representa os instintos, e a raposa ardilosa, versátil, matreira, simboliza as aspirações malsãs. É por isso que tudo o que a raposa diz, o gato repete, do mesmo modo que o grilo vive a relembrar a Pinocchio as lições da fada. Tudo separado, perfeitamente compreensível às crianças, e ainda belo, sobretudo se acompanharmos, na tela cinematográfica, a versão pictórica animada de Walt Disney. Princípios profundos e verdadeiros, explicado em linguagem infantil.

Do mesmo modo «Cinderela» desenvolve, ao vivo, o capítulo de sociologia que estuda a circulação das elites na pirâmide social, o mesmo capítulo que, no Evangelho, aparece sob a afirmação de que os últimos serão os primeiros, e

os primeiros, os últimos. Em «Branca-de-Neve» se mostram o dualismo bem-mal, beleza-feio, e os desastres que podem ocasionar, sobretudo para quem os possui, a inveja, o ciúme e o despeito.

Quem tiver um filho pequenino, e se der consigo falando-lhe numa meia língua, feita só de substantivos e verbos, deve reconhecer que a Bíblia está certa na sua função de se fazer entendida por sub-homens, para os disciplinar. Tolice é pretender vivê-la hoje, a não ser nos vários pontos salteados, que ainda fulgem de sabedoria. Assim como o adulto humano acha lições nos livros infantís, nós podemos encontrá-las nos livros de nossa infantilidade evolutiva, que é o Testamento Velho. Quando não haja ensinamentos ali, há a beleza simples e rude daquelas histórias contadas de modo tão cru, sem os adornos da hipocrisia e da justificação, que até parecem mesmo histórias contadas por crianças. Esta é a causa por que os maiores gênios da humanidade nunca se ocuparam em destruir a Bíblia, e antes sempre a respeitaram, como respeitamos os belos livros de figuras coloridas de nossos filhinhos tenros. Todavia quando nossos filhos vão crescendo, cuidando já que são homenzinhos, e não vão além de homúnculos, metem as mãos à biblioteca da sua infantilidade, rasgando aquêles repositórios de belas figuras, que êles chamam bobagens. Então os adultos responsáveis protestam contra essas depredações, porque êsses livros devem servir aos que ainda são crianças, mesmo que não fôssem uma fonte perene de sabedoria, além de documentário histórico. Por aqui já se pode ver como estão errados êsses meninotes que, assanhados pelo uso das primeiras calças compridas da adolescência racional, pretendem arrasar a Bíblia. Essa é uma depredação fútil e vil dos nossos livros infantís, os quais, se bem não nos sirvam mais, a não ser como fonte informativa e documentário, contudo servem ainda aos nossos irmãos bugres, quando se reencarnam em nosso meio.

A Bíblia é a história da humanidade, passada, presente e futura, feita na linguagem dos místicos; a verdade, ali, simples e pueril, de comêço, se vai complicando, até a incomensurável grandeza do Evangelho de Cristo, ainda, para os nossos dias, arrematada utopia.

Mas é uma utopia que Cristo viveu como um homem de carne; logo, poderá ser vivida, e já não será utopia. Dêste modo o Evangelho é a verdade mais central que engloba tôdas as outras, concebível ao homem moderno, mas, não realizável por êle, em virtude da psicologia que o domina hoje. A essa verdade se pode chegar racionalmente, porém, para vivê-la, é preciso a sentirmos por intuição. A razão entende o que se lhe diz, mas, só numa linha fria e rígida. A intuição vê a linha racional em relação com o todo, num quadro maravilhoso e tridimensional, em que o Evangelho é sentido como a Grande Síntese do Universo, porque Cristo representa aquilo em que tudo se há-de transformar por evolução, com a definitiva volta para Deus. Cristo é a Síntese Cósmica suprema, vista do nível humano por alguns, e não por todos, e essa é a razão compreensível, até racionalmente, de êle ser o Caminho, a Verdade e a Vida, o único que reconduz ao Pai.

Na cabeça infantil de sub-homens podia, pois, caber que Deus se houvesse arrependido de ter feito o homem. Respeitemos esta imagem, e apliquemo-la aos tempos modernos, para corrigir os êrros e defeitos, como o da tolíssima cobiça, quase comum a todos aquêles que a si já se têm por adultos. Mas, na verdade, se o fôssem de fato, já não seriam cobiçosos.

* * *

A semelhança de órgãos e de funções entre todos os animais, não provém de que, êsse é o estilo do Criador, seguido em tôda a obra sua. Dos artistas se sabe que suas maneiras peculiares de se expressar, são seus estilos; mas que o Criador tenha um estilo próprio, que é a parecença estrutural e funcional dos sêres, isso mais é racionalização que raciocínio, porque a obra sua é uma só obra, em edições melhoradas e ampliadas. Nela se vêem desde os primeiros esquemas, que são os sêres rudimentares, até a obra em máximo grau, conhecida na terra, que são os gênios, os santos, os heróis e os mártires. A forma orgânica é a mesma no primitivo e no gênio; contudo não é a mesma evolução psíquica. E como tudo é obra de Deus, onde parou a evolução da forma,

seguiu-se a evolução do espírito, rumo às supremas ascensões, que dão vertigem a qualquer imaturo.

E Deus ao planejar a Criação andou abandonando alguns esquemas. A lagosta tem estrutura diversa, assim como todos artrópodes. O sangue dos artrópodes é azul, e isto vem de que o ferro da hemoglobina foi substituído pelo cobre da hemocianina (1). Deus viu, no futuro, porque onisciente, que mesmo fazendo o sangue dos animais em base do ferro, contudo, quando êles chegassem ao homem, êste mais amaria o cobre (dinheiro) que o ferro (máquina, trabalho). Cesso já, pensou Deus, de fazer o homem partindo do esquema da lagosta, porque o amor e a perdição dêle será a cobiça do cobre, que não lhe porei no sangue. Caia o homem, se quiser, mas, não seja por causa minha, visto como por-lhe-ei no sangue o ferro do trabalho, e não o cobre da cobiça!...

Quando chegou Deus aos moluscos, ao fazer a concha, mudou outra vez de idéia. Já o peixe oros, como refere Bernardes, o fez Deus com o coração na barriga (2). A concha fê-la com o coração atravessado pelos intestinos (3). Mas que faço eu? pensou Deus; acaso hei de fazer o coração atravessado pela tripa? Pois se o homem há-de-amar o ventre e os regalos da vida, mesmo que lhe ponha o coração acima da barriga; quanto mais não será se tudo o que o homem comer passar pelo coração seu? Há de amar o homem ao que come? Sim, há. Mas que ame por conta e perdição sua. Não venha êle me culpar a mim, pelo que fará por vontade própria; não venha êle dizer que faz por natureza que lhe dei, quando, em verdade, o que faz, o faz por vontade sua.

E assim Deus, quando fez obras diversas, seguiu estilos diferentes.

O homem, como forma, saiu-se dos vales úmidos onde coacham os sapos, seus irmãos, e subiu-se daí, com dores e prantos, até o pico radioso da montanha da razão; aí lhe crescem as asas da intuição com que desfere o vôo que só o dão os gênios. Mas que digo eu? Então o homem é irmão do sapo? Sim, é; e em sentido real e figurado. Em sentido real porque de fato a evolução veio, não só do sapo, senão, até de antes dêle. E em sentido figurado, porque sapo é jeróglifo da avareza. E como a cobiça

prova a existência e comunicação do Espírito, nem por isso deixa de ser absolutamente certa.

A primeira afirmativa do amigo é, portanto, inteiramente falha.

A evolução material e a evolução espiritual são pois duas linhas que, ainda que não se encontrem, têm um pedestal firmado em fatos. É aos fatos que nos atemos e não a umas tantas conclusões que podem estar erradas, mas que os não destroem.

Do mesmo passo, o amigo pode afirmar que há completa incompatibilidade entre os fenômenos psíquicos estudados em nossas Academias e o Espiritismo, porque os que estudam aquêles negam êste. Mas que importância tem aquela negação se dos estudos psíquicos é que se formou a doutrina espírita? Por maneira que o fato de ser eu espírita nunca me levaria a contrariar os estudos psíquicos. Aí tem o amigo porque eu poderia ser evolucionista, ao mesmo tempo com Darwin e Kardec.

Quanto ao bom senso, do qual eu devo estar excluído, quando não passa de uma questão de gosto, pelo arrazoado, pela lógica, pelos argumentos é que veremos quem o tem. Às vezes o sujeito não tem senso nenhum, como eu, mas é pela documentação que apresenta que deve ser julgado.

O amigo acha que o transformismo é contrário aos fatos e à Ciência. Está andando muito depressa. Poderemos, se não provar-lhe a verdade, pelo menos inferí-la por processos até de laboratório.

Temos, por exemplo, as experiências de Gruenbaum, em Liverpool, *The Lancet*, (18-1-1902) que apanhou o sangue do gorila, o chimpanzé e do orango-tango; verificou que o serum dêles injetados com sangue humano dá um precipitado, não só com êsse sangue como com os dos antropomorfos. Foi impossível distinguir êsse precipitado do que se obtém com o sangue humano.

Concluiu-se que existe entre macacos superiores e homens, não somente a analogia do corpo e dos principais órgãos, mas um parentesco íntimo, «verdadeiramente sanguíneo». São nossos parentes «pelo sangue».

Essa experiência posterior a Darwin, segundo muitos, veio confirmar a sua doutrina.

Tais fatos impressionaram Metchnikoff, que declara:

«Não é possível pôr em dúvida que o homem é um animal do grupo dos primatas, ligado de forma estreita aos macacos superiores da época atual».

A palavra gorila foi dada aos macacos pela semelhança que êles tinham com certas mulheres que uma tribus descobriam. Elas eram chamadas gorilas ou gorilhas. Vendo os selvagens que os símios tinham as mesmas caras, jeitos e modos, ficou chamando a êles também de gorilhas. Pelo menos é o que explica a etimologia.

Diz ainda Metchnikoff que a placenta dá ensinos de grande importância para a classificação dos mamíferos; basta um olhar à placenta zonária dos cães e das focas para assegurar-nos do parentesco dessas duas espécies, à primeira vista bem diferentes. Pois bem, a placenta de todos os macacos antropomorfos estudadas até o presente, apresenta o mesmo tipo discoidal que o do homem. A disposição do cordão umbilical do homem, que se considerava outróra como inteiramente particular à espécie humana, encontra-se nos macacos antropomorfos.

Na obra citada vê-se a págs. 58 e 59, figs. 8 e 9, a fotografia do feto do macaco e a do feto humano aos três meses e meio. Apontar-se-á como a do homem a que está à esquerda, fig. 8, e a do macaco à direita, fig. 9. Pois é o contrário, o feto que parece do homem é o do macaco, e vice-versa.

A fls. 60 e 61 nos mostram o feto de um gorila e o do nosso semelhante aos 5 meses. Com exceção da cara, o resto é perfeito.

Slenka mostra que os discos embrionários do homem, os mais jovens que já se observaram, dificilmente se distinguem dos macacos de cauda, tanto do ponto de vista da situação como da forma. (*Studien über Entwicklungs-geschichte der Thiera.* p. 188/1898-1902).

Os embriões humanos — diz êle — assemelham-se mais aos do antropomorfo que aos dos símios inferiores. Os traços que diferenciam o homem do mono só se acentuam com a idade. Também nos afirma que o crânio infantil dos antropomorfos muito se assemelha ao crânio humano. (Ob. cit. pg. 160).

Em suma, o homem pode ser considerado como a criança prodígio de um antropeide, nascido com um cérebro e

uma inteligência muito mais desenvolvidos que os de seus pais.

Há crianças que se distinguem dos pais por uma inteligência muito desenvolvida e faculdades mentais que aquêles não possuem.

Wiedersheim em *Der Bau des Menschen* achou no homem 15 órgãos superiores ao do macaco, necessários à sua adaptação a novos meios e à necessidade do uso (e ao uso). Assim, os membros inferiores, adaptados à verticalidade, a diferenciação dos músculos da laringe, necessários à palavra articulada. Em compensação notou 17 órgãos, em decadência, por pouco úteis ou desnecessários, como os pêlos, os coxix, etc.

Os catarríneos têm manifesta tendência à redução do sistema dentário; o apêndice cecal que não existe nos animais inferiores existe no antropomorfo e no homem.

O cérebro dos macacos. — Owen afirmava que não existia nos macacos certas partes do cérebro que existiam no homem.

Mas a opinião de Owen foi insustentável. Huxley, no seu livro *O Lugar do Homem na Natureza*, diz, conforme a tradução francesa:

«*Actuellement, il est accepté unanimement que les parties du cerveau en question présentent les caractères de structure cérébrale les mieux marqués comme étant communs à l'homme et aux singes. Ils comptent parmi les particularités simiennes les plus distinctes que peut offrir l'organisme humain*». Huxley, *La place de l'homme dans la nature*. Paris, 1891, pág. 73.

«É atualmente unanimemente aceito que as partes do cérebro, de que se trata, apresentam os mais notáveis caracteres de estrutura cerebral comuns ao homem e aos macacos. Encontram-se nos macacos particularidades simiescas distintas, idênticas às do organismo humano».

É interessante notar, ainda, que a diferença entre o cérebro do macaco antropomorfo e o do homem é muito menor que a que existe entre as diversas espécies de macaco, ou seja entre os macacos superiores e os inferiores.

O tubo digestivo mostra-nos as semelhanças entre o homem e o símio. Haja vista o apêndice. Felizmente para o macaco, parece que as crises de apendicite não são nêles tão frequentes como em nossa raça. Nos macacos não antropomorfos não há apêndice.

Metchnikoff, referindo-se as flagrantes semelhanças entre o bípede e o bímano, assegura que a *Ciência* está apta a proclamar, e isto há já quarenta anos, que o homem está ligado ao macaco antropomorfo por laços de indiscutível parentesco. Esta tese clássica nunca pôde ser desmentida por nenhum fato preciso. Depois daí têm sido recolhidos inúmeros dados concernentes à história natural dos macacos antropomorfos.

E o grande naturalista começa a apresentá-los, salientando que as descobertas posteriores confirmavam, esclareciam e ampliavam os primitivos conhecimentos. (*Études sur La nature humaine*. Paris, 1903, págs. 56 e seguintes)

Continuaremos o estudo se Deus nos der fôrça e saúde.

Ao Professor Arnaldo Santiago

Mário Cavalcanti de Mello

Lendo, como faço sempre prazerosamente, a «Revista Internacional do Espiritismo», do mês de outubro passado, deparei um artigo de meu ilustre confrade Arnaldo Santiago, em que êle faz reparos às referências encomiásticas de meu não menos ilustre amigo Aleixo Vitor Magaldi, ao meu livro «Da Bíblia aos nossos Dias».

Inicia-se o ilustrado Professor, confessando que ainda não tivera oportunidade de ler o livro de minha autoria. Is-

to me tranquilizou um pouco. Peço, apenas, ao erudito confrade que se o fizer, não seja com aquêle espírito preconcebido de tudo rejeitar, só pelo fato de grandes vultos da humanidade, inclusive Jesus, no dizer do Professor, haver aceito a Bíblia como obra extraordinária.

Desejo fazer um pequeno reparo quanto a Jesus. Tenho a impressão nítida, porque sou também um estudioso desses assuntos, que Jesus não era tão partidário do A. Testamento como pretende

fazer crer o Professor Arnaldo Santiago.

É verdade que Jesus disse que não vinha destruir a lei. A que lei, porém, se referia Jesus? À lei judáica ou aquela constante do Decálogo? Muitas leis de Moisés foram claramente repudiadas por Jesus, que não só lhes reformou o conteúdo moral, como também pôs por terra os holocaustos e sacrifícios que esta mesma lei determinava se fizesse a Jeová.

Não gosto de fazer citações principalmente quando troco idéias com um exegeta da fôrça de meu eminente amigo. Mas, se o confrade Arnaldo Santiago fizer um esforço de memória irá, por certo, concluir que eu estou falando a verdade.

Escrevi em o «Mundo Espírita» três ou quatro artigos sôbre o assunto do meu livro, não para estabelecer polêmica com o meu amigo J. Herculano Pires, mas para dar-lhes plenas explicações sôbre o que se acha contido naquele citado livro e estes artigos servirão para esclarecer os meus pontos de vista com referência ao A. Testamento.

Não quero analisar, por ora, as citações de Kardec, feitas pelo caro confrade, de uma maneira incompleta. Fica esta tarefa para outro artigo.

A minha bibliotéca histórica não é das melhores; mas, tenho em minhas prateleiras muitas obras que a miude consulto, incluindo entre elas a «História Universal» de Cezar Cantu, que a meu ver, está precisando de uma revisão substancial, uma vez que ainda considera mitos aquilo que a Arqueologia moderna provou ser hoje a mais profunda realidade. Mas, mesmo assim, não encontrei a citação de meu eminente confrade, isto é, aquela em que o historiador escreve:

«A Bíblia, como diz o ilustre orientalista Jones (deve ser William), contém mais eloquência, mais verdades históricas, mais moralidade, mais riquezas poéticas e, numa palavra, mais beleza em todos os gêneros, do que se poderia encontrar em todos os outros livros reunidos, em qualquer século e em qualquer língua, que tenham sido compostos».

Não quero afirmar que a citação de meu nobre confrade não exista, apenas, afirmo que não encontrei e por isso, encareço ao Professor o obséquio de citar o capítulo, com seu respectivo título, para que eu me possa orientar melhor.

Na realidade há poesia na Bíblia, há eloquência, há verdade histórica, mas, infelizmente nem sempre há moralidade. Discordo, assim, dêsses dois homens eminentes, quando afirmam que há na Bíblia mais moralidade que em qualquer outro livro. E se discordo é porque posso, sem esforço nenhum, provar o contrário, como o fiz em meu livro e como tenho feito em diversos artigos que escrevi.

Para contrabalançar a citação do Professor Arnaldo Santiago, cito, também, por minha vez, o mesmo Cezar Cantu já que o Autor lhe é tão caro:

«Se chegaram até nossos dias algumas leis de Moisés, não chegaram pelo menos em sua forma primitiva, bem autenticadas por qualquer modo, o que equivale dizer que não é possível distinguí-las das que pertencem a épocas anteriores e que as substituíram ou que foram incorporadas com elas nos livros sagrados de Israel». — (Cezar Cantu — vol. I — «Instituições Mosaicas» — da edi. A Emprêsa Literária Fluminense, pág. 336).

É o mesmo Cezar Cantu que «admirando as belezas da Bíblia, sua eloquência, suas verdades históricas», não vacila em negar autenticidade às leis ditas de Moisés.

Há muito mais ainda:

«Moisés foi, na opinião dos hebreus, o autor do Pentateuco. Esta opinião passou das sinagogas para a Igreja católica, que a confirmou com seu vereditum: como, porém, êste vereditum não é obrigatório para a Ciência, muitos orientalistas têm sustentado, e sustentam, desde o século XVIII para cá, que os supostos livros mosaicos são obras de escritores muitos séculos posteriores à época em que se diz ter existido o fundador da nacionalidade judaica, que compilaram e refundiram documentos e tradições antigas concernentes à criação do mundo, aos primeiros tempos da existência social dos abraamitas. O primeiro escritor que estabeleceu abertamente esta doutrina foi o médico francês Astruc, que viveu em 1684-1766 e publicou uma obra intitulada «Conjecturas àcerca do Gênesis». Esta obra foi um sinal de rebate, o primeiro tiro de uma grande campanha. Astruc fez escola, teve continua-

dores ilustres, que examinaram e discutiram o Pentateuco capítulo por capítulo, frase por frase, como críticos, como filólogos, como historiadores, para discriminarem as partes primitivamente distintas de que êle lhes parecia formado e determinaram as duas idades relativas. Entraram na liça Tuch (1838), Deulitzch (1836-1851), Hupfeld (1853), Knobel (1852), Ewald (1815-55), Renan, Michel Nicolas, Bunsen e Noeldeke; opuseram-se lhes, e, muitas vezes com sólida erudição, numerosos campeões da tradição ortodoxa; escreveu-se muito, investigou-se com diligência e engenho, trocaram-se volumes de argumentos e, não raramente, de injúrias e, afinal, é fôrça confessar que no mundo científico ficou riscado o nome de Moisés do frontispício do Pentateuco». (Vol. II, pág. 276).

Como pode observar o distinto confrade, é um historiador católico, apostólico, romano e muito de sua estima, que assim se manifesta.

Teria de ser muito extenso qualquer inventário que se pretendesse fazer das diversas teorias até hoje emitidas acerca das origens e da composição do Pentateuco, em geral, e especialmente do Gênesis; há, porém, certas proposições, que todos os críticos modernos admitem e quase ganharam foros de incontestáveis. Todos admitem, por exemplo, que no Gênesis existem narrações cujo redator ou cujos redatores chamam a Deus Jeová, e outras em que se encontra sempre o nome de Eloim; estas narrações, que nem sempre estão de acôrdo e às vezes discrepam na notícia do mesmo fato, representam duas fontes distintas e independentes de tradição. Há textos, «jeovistas» e textos «eloistas»; tanto basta para excluir a hipóteses da unidade original da obra.

O estudo da língua em que foram redigidas as diversas partes do Pentateuco, diz Cantu, as referências e menções geográficas e históricas que nêle se encontram, também denotam que foi formado de documentos de diferentes épocas posteriores à de Moisés, e que todos êsses documentos, ou alguns dêles, sofreram refundições. A doutrina geralmente aceita, é, pois, a de que os hebreus possuíam muitos livros históricos e de legislação, de que só restam fragmentos, os quais, depois de repetidas vezes alterados no es-

tílo e na coordenação, receberam forma quase definitiva cêrca do VIII século antes da era cristã, forma dada por um redator jeovista, isto é, que empregava o vocábulo «jeová» para exprimir a idéia de Deus; e que êsses fragmentos foram, ainda mais recentemente, divididos em quatro livros: o Gênesis, o Êxodo, os Números e o Levítico.

Não é demais insistir em um historiador apreciado pelo Professor Arnaldo Santiago como um defensor das verdades bíblicas:

«Quanto ao Detereunômio, pertence à época de Josias e da restauração jeovística. O segundo livro dos Reis conta no C. XXII que o grão sacerdote Hilquias e o escriba Saphan annunciaram no XVIII ano do reinado de Josias (622) que tinham encontrado no templo o Livro da Lei. Ora, as descobertas como esta eram frequentes no Oriente. Sendo mister que as leis, para terem autoridade, parecessem ser de origem divina, obra dos deuses e dos grandes homens por êles inspirados, os sacerdotes, quando queriam promulgar um novo código, declaravam tê-lo encontrado em sítio onde fôra guardado misteriosamente.

O achado do Livro da Lei, Livro da Aliança ou Segunda Lei (Detereunômio) significa, pois, tão somente, que êsse livro foi elaborado no tempo de Josias e pelos seus sacerdotes, que julgaram insuficientes os antigos códigos religiosos para conservarem a pureza da fé jeovística e desviarem o povo dos altares dos ídolos fenícios. Posteriormente, o Detereunômio, a que se dera o caráter de legislação de Moisés para o tornar mais respeitado, foi incorporado com os documentos que constituíram os quatro primeiros livros do Pentateuco, e esta compilação ficou existindo tal qual a conhecemos hoje, sendo tôda atribuída ao fundador da nacionalidade, ao homem privilegiado que viu Deus «pelas costas». (II vol. pág. 277).

Eis, meu caro confrade, a que ficou reduzida a sua citação. Trata-se, naturalmente, de uma citação isolada. Quanto ao conhecimento dos judeus sobre a história de outros povos, não estou de acôrdo com Cantu, quando diz que os judeus possuíam muitos livros históricos e de le-

gislação. Prefiro a opinião de Flávio Josefo, que deve conhecer mais do assunto, em sua resposta a Apion (Liv. I, c. IV):

«Nós vivemos, disse êle, em um país distanciado do mar, não nos entregamos ao comércio com os outros povos... Sendo nossa nação tão afastada do mar, tão pouco afeita à escrita, será motivo de admiração ter sido ela tão pouco conhecida?»

Assim, quanto ao conhecimento dos judeus sobre a história de outros povos, êles se abeberaram nos arquivos do Egito, de Babilônia que, certamente, conheciam a sua e a história dos povos vizinhos.

Poderia estender-me na análise dos livros que compõem o Pentateuco, estribado, ainda, em C. Cantu e em outras fontes, para mim, mais apreciáveis. Mas, por hoje, basta.

Quanto ao pedido do Professor, no final do seu artigo

«Ao Magaldi e a todos os espíritas «detratores» da Bíblia faço um fraterno apêlo, em nome de Jesus, de Quem também sou humilde servo, inútil, para que cessem êsse trabalho demolidor, de tão más consequências»,

tenho a dizer que a História e a Ciência nunca foram inimigas do Espiritismo. Então, porque nos servimos da razão para pôr as coisas em seu devido lugar; porque analisamos o que se encontra na Bíblia, o que a Bíblia diz, somos seus detratores? Para aceitarmos a Bíblia, teríamos que fazê-lo por inteiro, teríamos que admitir e reverenciar o seu Deus com as suas crueldades e sua justiça original, teríamos que seguir os exemplos bíblicos, principalmente aquêles conselhos irreverentes de pouca moralidade. Teríamos que aceitar um Elias assassino, um Elizeu perverso, um Samuel crudelíssimo. E teria, segundo a Bíblia, constituído Moisés um exemplo de virtude?

Será dever nosso aceitar passivamente qualquer irreverência para não ferirmos a cândida sensibilidade dos senhores bíblicos? Creio que não. A nossa crítica não depõe em absoluto contra os postulados do Espiritismo, que tem sua moral própria e que se estriba na razão e nos fatos, e que nos aconselha a seguir os passos da Ciência contemporânea. Será is-

so viver sem Deus, como pretende insinuar o Professor Arnaldo Santiago? Será que aceitando o Deus bíblico, somos veneradores do verdadeiro Deus, quando o Jeová se mostra mesquinho, ciumento, vingativo, sanguinário e amaldiçôa através de gerações incontáveis?

O meu Deus é um outro; é imenso, é infinito em tôdas as suas qualidades, é um Deus de amor, de Justiça e de Perdão. É êsse o Deus dos homens que raciocina, é êsse o Deus que o Espiritismo nos manda adorar, é o Deus que nos pinta Jesus Cristo.

Inimigos da doutrina espírita são a fé cega, a petrificação da doutrina, o enxerto de textos e obras em completo desacôrdo com a Codificação, êsse pieguismo místico, doentio e eivado de fanatismo que vai invadindo as almas desprevenidas que imaginam que o homem se salva pela fé e não pelas boas obras.

É comum ouvirmos dizer que o Espiritismo é o Cristianismo primitivo. Mas eu desejaria saber o que foi o Cristianismo primitivo. A doutrina cristã foi tão adulterada pelos padres que só podemos formular hipóteses quanto à sua origem. Talvez, o Cristianismo de Jesus se resume no «amai-vos uns aos outros» e em outros postulados de grande moralidade que irão fatalmente terminar no mesmo ponto. Isto, caro confrade, é o suficiente para a elevação espiritual de qualquer ser humano. Amando ao próximo como a nós mesmos, estamos cumprindo a verdadeira caridade, perdoando aos seus êrros, assistindo-lhes em suas necessidades, encaminhando-os para o bem, enfim, fazendo o necessário para a nossa elevação espiritual. É isto que eu reputo divino, é esta moral espalhada pelos quatro cantos da Terra, na consciência de cada um de nós, que nos irá orientar pelo melhor caminho.

Nada de símbolos, de lendas, de alegorias, em um século de luzes, em que tudo se pesa e em que tudo é medido. A História, a Ciência e a Filosofia, em sua eterna busca da verdade, dia a dia mais vai clareando o nosso caminho. Tudo tem que ser claro, compreensível, para que não andemos tateando pelas trevas.

E para os que não se resignam a ver destruídos seus sonhos, suas quimeras, eu aconselho a leitura desta máxima de Renan: «As verdades que a Ciência revela são superiores aos sonhos que ela destrói».

Ramatís e a Ciência

I



Ol no decorrer do segundo semestre de 1955, nas páginas desta mesma Revista, que o confrade Henrique Rodrigues procurou, com o seu ímpeto de moço, demonstrar a inconveniência

da propaganda das mensagens de Ramatís nos meios espíritas, os quais ameaçavam o prestígio da doutrina, diante dos que desconhecem os fundamentos kardecianos.

O jovem autor, naquela ocasião, embora algumas vezes encontrasse dificuldades nas partes onde o assunto exigia treino e estudo especializado, fundamentalmente deu conta de sua tarefa, prestando valioso serviço para a causa doutrinária, isolando o Espiritismo de responsabilidade, com relação a essas mensagens mediúnicas, pretensamente científicas.

Depois fomos nós que nestas mesmas páginas, dos exemplares de junho e julho do último ano, procuramos demonstrar a grave falha de Ramatís, sobre a profecia do seu propalado planêta.

Hoje, incentivados que fomos, para não cruzarmos os braços diante da insistente propaganda ramatisiana nos meios espíritas, aqui estamos novamente para elaborarmos uma série de quatro ou mais artigos, visando esclarecer e alertar os espíritas em geral, inclusive os adeptos de Ramatís, sobre a incompatibilidade das mensagens desta entidade, com relação à ciência, portanto com o kardecismo.

Como da outra vez, faremos o que estiver ao nosso alcance, sem qualquer pretensão de irmos além dos nossos modestos conhecimentos. Nesta tarefa, como sempre, respeitaremos a honestidade dentro dos bons preceitos da ética de escrever, e não haverá críticas maldosas, o que seria injustiça de nossa parte, se prevalecessemos para isso de falhas alheias, pois ninguém poderá se julgar livre de êrros, neste plano terrestre de aprendizagem.

Ao médium, que serviu a Ramatís, Dr. Ercílio Maes, de quem recebêramos

e agradecemos a oferta, com gentil dedicatória, de uma das obras da entidade, desde já esclarecemos que o mesmo, no cumprimento de sua missão, deverá estar imunizado nestas análises, pois ali êle servira apenas como elo de ligação mediúnica. Qualquer simpatia que êle possa se manifestar pela entidade será louvável e justificável, na sua condição de quem serve com amor e renúncia à causa divina.

E aos adeptos, em geral, de Ramatís rogamos não interpretem esta nossa jornada como aventura de capricho ou hostilidade, pois o nosso objetivo é esclarecer, procurando anular êsse estado de choque que ameaça separar uma substancial ala do Espiritismo, favorecendo os nossos opositores clericais. E se reconhecerem em nós a verdade, confiamos que sem ressentimentos retornem à pureza da filosofia de Kardec, e continuemos, como nossos antecessores, fraternizados no mesmo ideal de cristianizar a humanidade.

Urge que estejamos fortalecidos pela união de todos espíritas para que prossigamos no encalço do Materialismo que já se distancia, cuja facção negativista vem apoderando-se dos progressos da ciência, colocando-a no serviço da belicosidade. E se discordarem dos nossos argumentos, exponham com liberdade suas dúvidas, apontando-nos com clareza as falhas, mas com base na ciência, que saberemos respeitar a verdade, com humildade e justiça.

Quanto a Ramatís, discordamos dos seus conceitos de suposta ciência, mas reconhecemos nas suas mensagens elevados propósitos de sentido espiritual, o que talvez tenha sido a principal causa de sua sensacional acolhida, entre grande número de adeptos do Espiritismo. Pessoalmente, lhe devotamos simpatias pelos seus sentimentos cristãos, ao empenhar-se inutilmente na tarefa de traçar diretrizes a uma humanidade retida nas garras das classes intelectuais sem Deus, indiferentes aos seculares apelos do Cristianismo.

Acreditamos que Ramatís, em últi-

mo esforço de a tudo atender e responder, em desesperada tentativa de livrar os povos da nova hecatombe bélica que nos ameaça, recorreu a todos os recursos, indo além de seus conhecimentos. Possivelmente, a entidade, relembrando seu pretérito, acreditamos tenha sido de glórias, evocou concepções longínquas, sem ter percebido que Astrologia e Feiticismo são assuntos já de há muito tempo superados pela mentalidade atual.

Assim, êle incorreu em falta ao desejar reviver o passado, firmando-se nas leis do presente, esquecendo que a nossa marcha não é para retroceder, mas sim para evoluir.

A entidade nem tudo desconhece, revelando-se de muita leitura, mas de pouco estudo atualizado, o que se nota ao empregar termos científicos, geralmente fora de seus sentidos exatos, deixando perceber que não está a par dos progressos fundamentais da nossa ciência experimental, como desejaremos demonstrar.

Ramatís, mentalmente, ainda é tão humano como nós, e não se deve julgar que êle já tenha completado o curso de aprendizagem terrestre, e que já se ache na condição de cientista do Universo. Não negamos que em suas mensagens há algumas com interessantes argumentos, de méritos aproveitáveis. Mas é preciso não se deixarmos levar pelo entusiasmo, e sabermos diferenciá-las daquelas que podem comprometer a doutrina, conforme veremos logo mais.

Aceitar Ramatís como um complemento de Kardec seria invigilância nossa, e estaríamos forçosamente retrocedendo em favor dos nossos opositores sistemáticos, que aproveitariam essa brecha para nos atacar. E hoje, que a evolução avança em todos os sentidos, precisamos de conceitos lógicos, e raciocínio invulnerável, elevando o padrão de cultura da doutrina.

Em conceitos doutrinários de espiritualidade, ainda não encontramos algo mais sólido que os postulados kardecianos. A filosofia do codificador, até hoje continua inatacável, apesar do esforço dos materialistas e clericalistas nesse sentido. E, confirmando as suas razões, não faltaram sábios que comprovassem as verdades da doutrina, nos seus mais altos postulados.

Portanto, não vemos razões para

aceitarmos os frágeis conceitos de Ramatís, assim como os de outros pretensos salvadores, dotados de verbalismo e sensacionalismo, quando em Kardec não faltam pureza e firmeza, na unificação de seus sublimes postulados de religião, filosofia e ciência.

Doravante, estejamos mais atentos, imitando os mais experientes, para não aceitarmos tudo o que vem de outras fontes, sem exame acurado, pois qualquer descuido, mesmo por parte de alguns, poderá retardar a marcha da doutrina, neste momento em que ela exige maior aceleração.

E aqui encerramos esta parte introdutiva, e desde já iniciemos as primeiras análises das mensagens de Ramatís, procurando o emprêgo de linguagem simples, para que se torne ao alcance de todos. Mas prevenimos aos leitores que haverá partes que não poderão fugir de certas complexidades explanatórias. Contudo, a verdade sempre transparecerá, deixando a razão visível e destacável.

As mensagens submetidas ao nosso exame serão transcritos os seus tópicos principais, e quando necessário deixaremos as frases ou palavras mais atingidas, em letras destacadas, facilitando o entendimento.

Para iniciarmos, entremos no assunto, trancrevendo a mensagem da página 114, da obra «Mensagens do Astral»: — «A vossa ciência ainda há de descobrir, SURPRESA, que o vórtice magnético do vosso Sol, o seu «chacra constelatório», ou CENTRO DE FÔRÇA de SUSTENTAÇÃO no turbilhante cruzamento de correntes cósmicas, encontra-se suavemente deslocado do centro físico conhecido! Na realidade, cada astro ou sistema oscila em tórno do seu «ponto magnético» produzindo a mais indescritível pulsação sinfônica em todo o Universo.»

Notemos bem que a entidade apresenta essa questão como uma novidade, ainda desconhecida da nossa ciência. No entanto, essa notícia chegou muito atrasada, pois os nossos astrônomos já de há muito tempo sabem disso. Possivelmente êsses estudos devem datar desde os tempos de Isaac Newton (1642-1727). Se o leitor desejar conhecer uma obra anterior a essa mensagem, e que cuide dêsse assunto, procure na própria biblio-

teca espírita, a obra romanceada «Urânia», de Camille Flammarion, 2.^a edição de 1941, que encontrará na página 212, o seguinte: — «Pesando o conjunto dos planêtas, quase a sétima-centésima parte do pêso do Sol, o centro de gravidade em tórno do qual a Terra circula anualmente nunca está precisamente no centro do Sol, mas distante dêsse centro, e muitas vêzes mesmo fora do globo solar. Ora, falando de modo absoluto, a Terra não gira em tórno do Sol, mas os dois astros, Sol e Terra, giram em tórno do seu centro comum de gravidade.»

Vamos agora dar a interpretação em linguagem acessível, sôbre os dois trêchos, de Ramatis e Flammarion, diferentes nas explicações, mas de um mesmo sentido. — Se o Sol estivesse isolado no espaço, sem qualquer satélite na sua órbita, êle teria o seu ponto de atração justamente no centro de sua massa. Ora, mas os diversos planêtas que circulam ao seu redor constituem cada um deles uma fôrça de atração, cuja soma de todos êles representa uma pequena, mas não desprezível, potência atrativa, atuando reciprocamente sôbre o Sol que os atrai. Nestas condições, o Sol e a Terra, ou seja, o Sol e os seus planêtas, quando êstes formam fôrças conjugadas, passam a girar em certos momentos em tórno de um centro comum, deslocado para fora do centro solar.

Como vemos, justamente isso que Ramatis explica, também Flammarion explanou naquela obra muito antes, ambos empregando termos, cada qual com sua linguagem peculiar.

Nestas alturas, o leitor já deve ter compreendido que o assunto não constitue nada de novo para a nossa ciência.

Imaginemos agora se fôssemos apresentar essa mensagem aos nossos astrônomos, como uma importante revelação mediúnica. Naturalmente seria o Espiritismo que sem ter culpa, cairia no ridículo, passando a ser olhado com indiferença risível, por parte dos nossos pesquisadores.

Passemos para outra mensagem da mesma obra, página 234, e vejamos estas palavras de Ramatis: — «Antigamente, a ciência ironizava os hermetistas, porque ousavam afirmar, em nome da milenária doutrina secreta, que existiam mais planêtas além dos sete que eram conhecidos na época. A palavra da ciência

oficial tinha se firmado, para isso, no poderio dos telescópios «moderníssimos» no tempo. No entanto, Netuno e Plutão apareceram posteriormente e contrariaram os severos prognósticos acadêmicos! E ainda surgirão outros três planêtas na vossa constelação, a fim de completarem a côrte dos doze apóstolos planetários do Cristo Solar.»

Neste mesmo assunto, na página 390, da sua outra obra, «A Vida no Planeta Marte, e os Discos Voadores», acha-se a seguinte pergunta: — «Porque devemos aceitar que são doze planêtas, e não apenas os nove descobertos pela ciência terrestre? Não poderão os sábios terrenos admitir que essa informação obedece sômente ao desejo de desmentir os?»

Aquí é fácil notarmos que os interrogadores de Ramatis, interpretando essas informações como um formal desmentido aos nossos sábios revelaram não estarem a par dos conhecimentos da nossa ciência nessa questão. Mas isso não nos causa admiração porque êsses estudos não são públicamente generalizados. Mas o interessante é que Ramatis também revelou ignorar o que se sabe entre os nossos pesquisadores sôbre êsse assunto, o que se nota ao dar sua resposta em concordância com a pergunta, ao invés de corrigi-la.

E assim êle responde: — «Cremos que se recebêsseis comunicação de espíritos, antes de 1846, que vos dissessem da existência de nove planêtas, em vez dos sete que eram conhecidos nessa época, poderíeis formular as mesmas objeções de agora. No entanto, em 1846, Le Verrier descobriu-vos Netuno, e graças aos cálculos de Percival Lowel, os vossos astrônomos assinalaram Plutão em 1930. Não vemos razões para que êsses mesmos fatos não se sucedam no futuro, em que anotareis uma dúzia de planêtas a formar o cortêjo de sua majestade, o Sol, em vez de nove que já conheceis.»

Analisando com atenção, a pergunta e respostas acima, percebe-se que a entidade, citando a negativa dos cientistas do passado, quis dar a entender que os nossos estudiosos atuais julgam mesmo não existir mais planêtas além dos que já são conhecidos atualmente. E assim, o autor comunicante, acreditou estar apresentando uma novidade aos nos-

sos sábios, ao relatar a existência de mais três planêtas no nosso sistema.

No entanto, os nossos pesquisadores já de há tempos previram a existência de um grupo de planêtas para além do último, ou seja, de Plutão, sendo êrro de Ramatís, o considerar aquela pergunta, no sentido de estarem sendo desmentidos os nossos astrônomos. E para confirmar o que estamos conceituando, sôbre as previsões dos nossos pesquisadores, com respeito a existência de outros planêtas ainda não descobertos, vejamos o que se lê na obra de David Dietz, «História da Ciência», página 73, da 2.^a edição de 1946: — «Plutão, o membro do sistema solar mais recentemente descoberto, pois somente em 1930 os astrônomos verificaram a sua existência, é sob muitos pontos de vista peculiar. Alguns astrônomos acham que Plutão é o primeiro de um terceiro grupo de planêtas que estão ainda para ser descobertos».

Nestas poucas palavras da nossa ciência é o suficiente para demonstrar que naquela mensagem de Ramatís nada há de novo.

Quanto ao motivo porque ainda não foram descobertos êsses planêtas, caso sejam exatas essas previsões, prende-se pela deficiência das nossas lentes. Os astros de luz própria sensibilizam os nossos campos óticos, de a milhões de anos luz de distância. Mas os planêtas, corpos opacos, exigem técnicas apuradas, especialmente no campo da fotografia celeste, e não nos é fácil encontrá-los, mesmo em distâncias relativamente curtas. Plutão, a sua região exata foi indicada pelos cálculos, onde o encontraram somente pela fotografia em série. Mas mesmo assim é mal visível para as nossas lentes, apesar de situar-se próximo de nós, em relação às longínquas estrêlas que vemos tôdas as noites no céu. Naturalmente, se existirem mais planêtas

para além dele, as dificuldades de observações serão maiores.

E contrariando Ramatís, as previsões dos nossos pesquisadores ainda vão além do que êle julga revelar. Assim, queremos lembrar que o P. Reynaud descobriu uma fórmula de progressão matemática, do tipo da lei de Bode que permitiu a descoberta dos asteróides. Na referida fórmula indica a existência de um planêta transmercuriano, isto é, situado entre o Sol e Mercúrio. E na hipótese dêsse cálculo ser confirmado pela descoberta do astro, a êste já lhe foi reservado o nome de Vulcano.

Como se vê, não sabemos como Ramatís vem se equivocando, ao apresentar velhos assuntos, como pretensas novidades científicas, ao repetir antigos conhecimentos dos nossos pesquisadores.

A entidade teria revelado conhecimentos se nos tivesse indicado a posição nas constelações em que poderiam se achar êsses corpos. Com êsses informes, os nossos observadores poderiam fotografar a região, como fizeram com Plutão.

É possível que a um pedido dessa natureza, ela poderia responder nos não estar autorizada para essas revelações. Mas então, qual a vantagem em repetir assuntos que de há muito tempo já sabemos?

Ainda deixamos aqui de comentar alguns senões extensos em outras mensagens dessa mesma questão, por terem sido explicadas com sentido dúbio. Mas o que já expusemos parece ser o bastante para essa parte que damos por concluída, para voltarmos, com outras análises no próximo trabalho, a sair no mês vindouro.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Moços: na «XI. Concentração das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo», a ser realizada em São José do Rio Preto, nos dias 3 a 6 de Abril de 1958, teremos a oportunidade de ouvir grandes oradores como: Divaldo Franco, Jacob Hollzmann Neto, Newton Boechat, Carlos Peppe e muitos outros. São José do Rio Preto de braços abertos, aguarda os representantes das Mocidades do Brasil Central e visitantes de outros Estados ao Conclave.

— 0 —

Salve o Primeiro Decênio das Concentrações das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo.

Êste grande Conclave será realizado em São José do Rio Preto, nos dias 3 a 6 de Abril de 1958.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado de Barros)

CAPÍTULO XXVII

1 — Foi uma alegria indiscreta em minha casa, quando cheguei à ladeira do Pelourinho, a começar pelo beijo e abraços de minha irmãzinha, no alto da escada, com os bracinhos abertos para mim...

2 — Meus pobres livros de estimação, que eu havia deixado — os livros de Castro Alves, de Bilac, de Casemiro de Abreu, de Gonçalves Dias — todos desaparecidos; meu irmão José que os vendeu, apresentou-me uma justificativa que não achei nem muito lógica, nem muita justa...

* * *

3 — De volta a Salvador, conseguí, por intermédio de Viriato Cunha, (amigo que morava comigo, para me auxiliar no aluguel da casa), o cargo de vigia das Docas do Porto.

4 — Comigo, aí, moravam Oswaldo Ferreira de Souza, espécie de almofadinha, fala pausada, compenetrado, muito protestante, e Ananísio Machado, meu primo que, obsidiado depois, se tomou de raiva contra mim. Fui visitá-lo, certa manhã, no Hospício João de Deus. Fugiu, escondeu-se de mim. Coitado!

5 — Quando essa gente mudou-se, porque era muito caro o aluguel da casa do Pelourinho, para mim, mudei-me para a Ladeira do Carmo, primeiro andar e sótão. Mudei-me, devo frisá-lo, porque, desde os dezoito anos, embora com dois irmãos mais velhos, pai vivo, mãe, irmã, prima e, sempre, uma ajudante para amenisar a trabalhadeira de minha mãe, era eu o chefe da casa, autoritário e severo.

6 — Na Ladeira do Carmo, fui operado de hidrocele (num hospital arranjado por dr. Waldemar Rocha que se mostrava, então, muito meu amigo) e minha mãe, de um quisto na testa.

7 — Minhas distrações aí, eram fazer quadrinhos para enfeitar minha biblioteca que começava, e contemplar três carinhas lindas que me eram visinhas e disputavam minha simpatia

8 — Viriato, meu amigo e ex-inquilino, apesar de não conhecer nada de es-

piritismo, era *médium*. Contava-me coisas de sua mediunidade registradas por José Petitinga e Carlos Machado.

9 — José Petitinga era um intelectual baiano, do interior. Eu o admirava por seus versos parnasianos, bem urdidos. Seu nome proferido pelo Viriato, aguçou-me a curiosidade. E desejei conhecê-lo pessoalmente, tanto mais quanto havia publicado meu último livreco de poesias, que intitulei «Meus últimos versos».

10 — Uma tarde, o José Petitinga apareceu no 4.º armazem das Docas, a procura do Viriato que andava numa de suas derrapagens. Abriu meu livreco, leu alguns versos, fez questão de conhecer-me e felicitar-me. Convidou-me para ir à sua casa, à rua de Baixo.

11 — Passei a frequentar a casa do Petitinga. Mais, porém, por interesses literários. A despeito do que eu já sabia sobre espíritos e espiritismo, a conversa do eminente amigo sobre assuntos literários me agradavam mais, me interessavam mais. Principalmente, as tertúlias literárias que aí fazíamos, pois levava sempre meu amigo dr. Waldemar Rocha.

12 — Um dia, na sua biblioteca, o grande poeta apresentou-me a uma jovem de treze anos, se tanto, dizendo: «Aqui, meu amiguinho...»

— Seu amiguinho, uma jovem?

— Sim. Foi meu irmão, noutra existência. Quando era pequenina, certa vez, eu estudava, ela entrou no meu gabinete e disse: «José, você se lembra quando estudávamos juntos? Você ainda tem aquela Química de Tober que eu lhe dei?» Foi até à prateleira onde estava o livro, apanhou-o e tornou: «E' esta; recorda-se?»

13 — Ora, eu era moço. A menina se me afigurou um anjo de bondade e ternura. Não podia deixar de haver, entre nós, como houve, um pequeno idílio: bilhetinhos, conversas às escondidas, *tête-a-tête* nos ritornelos das valsas cadenciadas, em saraus íntimos...

* * *

e do dr. Waldemar Rocha foram, na verdade, um belo e bom estímulo. Com o convívio de ambos, lucrei muito, aprimorei bastante a minha arte de versejar.

15 — Nas Docas do Porto, vivia uma vida aflitiva, que considerava, então, humilhante, em razão do cargo que ocupava. A' noite, eu era outro homem: secretário do Grêmio Literário da Bahia, subscrevendo versos em revistas e incensado por críticas elogiosas dos componentes da associação; na sua maioria, acadêmicos das três escolas superiores da Bahia; só eu, no Grêmio, um humilde serventário das Docas do Porto... Escondia-me até, quando aparecia, nas Docas, algum figurão da literatura, que eu conhecia de outras esferas...

16 — Em 1918, publiquei uma plaquete de 35 sonetos: *Saudades*. Sonetos líricos, parnasianos, impecáveis, numerados de I a XXX. Dediquei-a, inteiramente, «Aos espíritos cultos de José Petitinga e Waldemar Rocha, testemunho de amizade.» Saiu um livro primoroso, em papel áspero, páginas discretamente enfeitadas, mas de desenho de capa horrível.

17 — A crítica fez-me, então, justiça. Mario Linhares escreveu «que a capa do *Saudades*, de Leopoldo Machado, de tão albardeira, é de se limpar mãos à parede. Mas, seus sonetos primam pelas chaves de ouro.»

18 — O livro exgotou-se em uma semana. Também, 500 exemplares! Quando me apanhei com 460\$000 livres, em mão, acreditei-me endinheirado. Nunca havia visto tanto dinheiro comigo, meu, livremente meu!

19 — Meu *Saudades* produzira tais ruídos que, um dia, apareceu no Armazém, o poeta Francisco de Matos, amigo da outra esfera, ansioso por um volume. Ofereci-lh'o e êle fez boa apreciação crítica.

20 — Fundou-se, no Grêmio Literário, um curso de cultura geral. Pareceu-me poder dar a parte de Português e de Literatura.

21 — Em uma noite, o bacharel Antonio França Rocha foi ao Grêmio só para conhecer o autor de *Saudades*. E o encontrou, feito professor, ensinando regras de Português. Assistiu a aula inteira.

22 — Depois da aula, felicitou-me e disse: «Você devia ser professor. Tem bossa e queda para o magistério».

23 — O dentista Antonio de Assis

Coelho Borges que seria, depois, médico, descobriu a mesma queda em mim. E arrastou-me a fundar, com êle, um curso. O curso se transformou em Colégio Olavo Bilac. Colégio? Quatro carteiras coletivas, uma pequena mesa de professor, um quadro negro microscópico e um candieiro belga. Tudo de segunda mão, arranjado num *belchior*; passei, porém, a viver com mais folga de dinheiro e tempo, pois me demiti das Docas, mal pensara na fundação do curso.

24. — Foi preciso que eu chegasse a professor auto-didata, poeta e literato, para integrar-me no Espiritismo. Seria a *profissão sacerdócio de mestre-escola*?...

CAPÍTULO XXVIII

1 — As idéias espíritas andavam latentes no meu espírito. Só me faltava um empurrãozinho. O grande amigo José Petitinga procurava empurrar-me sem resultado. Insistia, sempre, apesar de minha indiferença, a despeito dos fatos, dos livros e dos conhecimentos que já possuía. O pendor literário dominava-me. E teria de dominar-me, ainda por muito tempo, mesmo depois de ser espírita.

2 — Depois de ter sido católico, protestante e materialista, a convivência com o Petitinga foi providencial.

3 — Certa noite, encontrei Manoel Quintão em casa do Petitinga. Ia-se fazer uma hora de conversa proveitosa. Só o Quintão conversou, porém. Contou de memória, todo o enredo do romance «Na Sombra e na Luz», psicografado por Zilda Gama, atribuído a Vitor Hugo.

4 — Tudo aquilo me entrou, como uma luva, na alma, no entendimento, na inteligência. Comprei o livro, li-o minuciosamente. O mestre escola sem projeção, apagado, modesto, declarou-se, francamente, espírita convicto.

5 — Contava a Carlos Chiacchio, dias depois, na praça Castro Alves, o ocorrido, quando o Quintão passou por nós, a caminho da casa do Petitinga. Falamos, perguntando-me, depois, o Chiacchio «quem era aquêle senhor tão alto e formalizado». «É o Manoel Quintão, a figura central do episódio que lhe estou contando».

6 — Chiacchio sorriu se, cético e meio zombeteiro. Foi com êle a minha primeira conversa de defesa do Espiritis-

mo, a primeira manifestação de que encontrara, realmente, a doutrina que procurava.

7 — Convenci-me, efetivamente, das verdades espíritas, mas não me converti a elas. O convencimento implica somente a aceitação do ensino, da doutrina. A conversão, o trabalho, os exemplos, as obras de um verdadeiro convertido...

8 — A *bossa* da literatura — embora não passasse nunca de um literato de *letras magras* — sempre superou, em mim, o professor e o espírita. O professor que jamais deixou de ser consciente, honesto,

enérgico, criterioso... Desta data em diante, porém, minha literatura passou a ser, invariavelmente, espiritualista, educativa, moralizadora.

9 — Faltava-me ambiente espírita. Daí, a desigualdade da luta. Só o Petitinga me falava, vez por outra, da terceira revelação. Contava-me casos elucidativos, esclarecia as minhas dúvidas.

10 — Dr. Waldemar Rocha não deixava nunca a minha companhia. Frequentava comigo a casa do Petitinga. Materialista em consequência de seus estudos e católico por exigência de sua mãe.

EVITEM DE INTOXICAR AINDA MAIS O ORGANISMO

Dr. Giuseppe Manuel Minardi — da A. P. I.

Por carne, concebida extensivamente, compreende-se também tôdas as visceras. Altera-se mesmo com o animal em vida; de fato a dita alteração concorrem vários fatores sejam êles de ordem patológica ou física (viagens, mal trato, etc.) Por exemplo: a carne de animal cansado ou com o seu metabolismo acelerado, é capaz de provocar envenenamento nos seus consumidores, devido ao aumento das toxinas que passam pelo sangue antes de se drenarem pelas vias emunctórias. É óbvio que a qualquer momento em que se ingere carne, sempre se estará absorvendo um pouco do veneno animal.

Os médicos estudiosos já tem notado o recrudescimento dos surtos amebiáceo e das infecções inespecíficas do colon, inclusive as ulcerações e fistulas retais, eventos hemorroidários e aumento de viscosidade sanguínea ao que em parte são causados pelo uso imoderado da carne em geral e em particular a do porco. Em face do aumento constante dos indivíduos «hiperproteinizados», que povoam os cemitérios sob a inesorável foice da morte causada por síncope, enfartos e derrame cerebrais, o grito de alarme é um só: **EVITEM A ALIMENTAÇÃO DE CARNE E EM PARTICULAR A DO PORCO.**

Assim sendo, repetimos, que as carnes mesmo sendo proveniente de rezes sadias não deixam de ser tóxicas, embora em forma menor.

Vem de fato a perguntar-se: das duas teorias, aquela do regime carne e a do vegetariano, qual dela é mais indi-

cada sob o ponto de vista higiênico e alimentar? Independentemente das considerações de ordem religiosas, étnicas ou econômicas de um povo, achamos a nosso ver, que a vegetariana é indubitavelmente aquela que merece a nossa particular atenção pelos motivos que em seguida examinaremos.

É notório que as carnes se alteram logo depois que os animais morrem nos matadouros, mesmo sendo sadios; também aqui o trato e o transporte são de suma importância, sem ter em devida conta a vasta gama de contaminações por vários germens; a dificuldade de efetuar com absoluta certeza o exame clínico do suino, «pre e post mortem», necessitando de vários exames de laboratório e radiografias, mais complexo apresenta-se a identificação de um morbo no animal, quando ainda não se apresenta a sintomatologia externa. Muitas vezes é abatido no momento em cujo se processa a virulência dos bacilos de Hansen, ou a desova amebiana, fato este que só o Veterinário pode verificar depois de ter efetuada uma severa autópsia e concienzoso exame de laboratório. Neste caso a matança dos suínos requereria um veterinário por cada porco. É de notar-se que os músculos são excelentes meio de veículo para muitos micróbios e que a carne altera-se com a ação microbiana de natureza alogena.

Portanto não excluimos que o valor da proteína animal tenha um papel determinante na alimentação humana. Contendo elementos constituintes como o ferro para a hemoglobina, e varias outras

substâncias extrativas que exitam o apetite, de digestão facil, boa para os hipotensos, os anêmicos e os diabéticos, ao contrário favorece a putrefação intestinal, dando resíduos que carregam o sangue, as articulações, elevando, como já falamos adiante, a pressão arterial; daí sua contra-indicação nos que são afetados de cirrose hepática, úlceras, nefrites, artrismos, colites, uremias, etc.; as gestantes, por exemplo, sob o perigo da eclampsia ou excesso de ureia da-se dieta vegetariana; o canceroso intestinal sobrevive meses debaixo da proteína provida da síntese de laboratório; a hepatite avançada requer alimentação longe de albumina e de carnes.

O organismo humano, na ingestão dos despojos animais, não deixa de carregar-se consequentemente das toxinas e ureia contidas nos músculos, como também da rede microscópica que canalizava-se durante a vida do animal, de bacilos de todos os matizes e de todas as consequências patogênicas, fauna esta de germes ferozes e famintos que não deixam de prejudicar seriamente a nossa saúde.

Nós todos bem sabemos que o suíno obeso, hipertrofiado no regime de engorda albuminica (para conseguir o aumento máximo da banha e do toucinho) vive criado no imundo chiqueiro, onde não existe nenhuma condição higiênica, imperando a lama, a sujeira e os miasmas pestíferos; larvas, bacilos e microrganismos fermentam as substâncias que alimentam os oxiuros, as lombrigas, as tênias, as amebas coli ou histolíticas. A alimentação do suíno é, geralmente, feita de lavagens, e de detritos putrefatos, transformando-se assim qual triste máquina viva de transformação da imundícia para uma gordura e carne enfêrma.

Que adianta preocupar-se com a profilaxia preventiva e rigorosa das doenças, que nos persegue; que adianta seguir ao pé da letra os tratamentos dos mais abalizados especialista da ciência medida, quando a saúde é ameaçada continuamente pela imoderada ingestão da carne? Na realidade, como temos falado antes, são inúmeros os casos de cirroses, colites, úlceras, solitárias, síncope de hiperproteinização e enfartos cardíacos; eczemas, urticárias, pênfigos, chagas itérica, nefrites, artrismos, gotas, enxaquecas e infecções desconhecidas; cada

vez o quadro da patogenia médica é mais enriquecido.

Muitos povos orientais baseam sabiamente a própria alimentação nos vegetais sem portanto resentir nenhuma perturbação de ordem biológica ou psíquica; o nosso sistema endocrino produz sucros e hormônios para todas as funções gástricas, mas não devemos portanto confundir as *defesas da natureza* com o *condicionamento biológico*, aqui o psiquismo tem a sua preponderante parte; é o mesmo que falar da escravidão do homem ao fumo e ao alcool, o sistema endocrino, logicamente, mobiliza-se na defesa do organismo para produzir anti-toxinas para a neutralização dos venenos e assim a digestão da carne obedece à mesma ordem, quer dizer que o sistema endocrino atendendo a um comando mental, produz os sucros e os hormônios necessários às funções digestivas.

Não é o caso aqui de se entreter sobre os assuntos da alimentação vegetariana e das suas vastas possibilidades nutritivas em quanto bastaria considerá-la e avaliá-la em toda a sua extensão a existência de animais corpulentos, robustos e vigorosos, sejam eles poligástricos ou monogástricos: bovinos, equinos, paquidermas, cervídeos, etc., para convencer-se da infundatez da teoria da alimentação carnívora.

O regime vegetariano é por si rico de sais e vitaminas, celulosa e hidratos de carbono, a proteína é em verdade incompleta, mas adicionando convenientemente à dieta vegetariana a «ovovitelina» (ôvo), a «lactoalbumina» e a «caseína» (leite e queijos) teremos incontestavelmente uma dieta completa de todos os elementos necessários à nossa existência, além dos peixes e mariscos.

«É um preconceito acreditar que a carne nutre a carne, o regime da carne e do sangue é, pelo contrário, nocivo à beleza das formas, ao viço da epidermide, à frescura da pele, ao veludado e brilho dos cabelos. Os comedores de carnes são mais acessíveis que os vegetarianos às influências epidêmicas e contagiosa; os miasmas morbídeos e os virus encontram um terreno maravilhosamente preparado para o seu desenvolvimento nos corpos saturados de humores e de substâncias mal elaboradas, nociva ou já meio fermentadas e em decomposição». Assim se exprimiu em um conceito científico internacional o Prof. Dr. RODOUX de Lausanne.

Como Julgamos Deus, a Verdade e as Religiões



ESDE que há religiões no mundo, discute-se sobre o que seja Deus e o que seja a Verdade. Não há religião que não se considere a única detentora da Verdade e que não ache que tôdas as outras laboram em erro não só quanto ao que seja Deus como quanto ao que seja a Verdade.

Ramacrisna, em uma de suas belas apologias sobre a Divindade, que achamos oportuno resumir, assim se expressa sobre o assunto em questão: — Opinar que a nossa religião é a única verdadeira e as demais são falsas não é justo nem equitativo; nem é de nossa competência corrigir erros de outras religiões. Aquêlê que criou os mundos saberá corrigi-los no seu devido tempo.

É nosso dever, de um modo ou outro, «realizar a Deus», o que significa imitar a Jesus, e isso poderá ser alcançado não só através de uma via, porém de muitos e diferentes caminhos. Cada uma das seitas apresenta-nos uma estrada que, mais tempo, menos tempo, nos conduzirá até Deus. Tôdas as religiões são, pois, CAMINHOS, mas não Deus.

Depois de experimentar a tôdas elas — diz Ramacrisna — compreendi que Deus é o Todo, e eu sua parte. Que Êle é o Senhor e eu o seu servo; que Êle sou eu, e eu sou Êle.

Os homens disputam e discordam entre si, dizendo que Deus é pessoal, com esta ou aquela forma; que Deus é impessoal, etc. Quando, muito mais tarde, chegam a «integralizar-se com Deus», então estas questões ficam resolvidas com clareza, lamentando o homem apenas o tempo perdido em hipóteses e suposições. Igualmente questionam sobre se Jesus possuía um corpo físico ou um corpo fluídico.

A propósito podemos relatar o seguinte: Certa vez cinco cegos, levados a um circo, puseram-se a apalpar um elefante, animal que nunca haviam visto.

Um dos cegos tocou na perna do animal e disse: o elefante é como uma coluna! O segundo tocou-lhe na tromba e disse: o elefante é como um pau retorcido! O terceiro, apalpando a barriga do elefante, exclamou: êste animal é igual a um tambor! O quarto, que tocara na orelha do animal disse: o elefante é como um grande leque! Finalmente o quinto cego, segurando a cauda do bicho, logo acrescentou: o elefante assemelha-se a uma serpente ou uma corda grossa!

Em caminho para casa, todos discutiam sobre a forma do animal, cada um querendo convencer o outro sobre a real aparência do bicho examinado. Um homem, porém, que por ali passava, ouvindo a disputa acalorada dos cegos, perguntou por que tamanha algazarra. Os cegos, então, pediram ao homem que enxergava que lhes resolvesse tão difícil questão e, de imediato, relataram suas opiniões sobre a estrutura do elefante. O improvisado juiz, após ouvir a todos com muita paciência, deu finalmente sua sentença, dizendo: Nenhum de vocês viu o elefante; êle não é uma coluna; suas pernas é que são como colunas. Nem é como um tambor; sua barriga, essa sim, parece com um tambor. Nem é como um pau; apenas sua tromba assim se parece. Também não é como um leque; suas orelhas é que têm essa forma. Nem tão pouco é êle como uma serpente ou corda grossa; sua cauda é que poderia ser assim comparada. O elefante, meus amigos, é a combinação de tudo isso e mais alguma coisa.

Dessa maneira discutem também os seguidores das várias religiões sobre a configuração de Deus e sobre a Verdade. Normalmente enxergamos a Verdade como os cegos «enxergaram» o elefante. Assim terminou Ramacrisna o seu ensinamento.

Sigamos por isso o nosso caminho, praticando sempre o bem, sem perder tempo em conjecturas improdutivas.

General Levino Cornélio Wischral.

Tôdas as lutas por novos ideais, de que nos fala a história, foram lutas entre verdades novas e velhos preconceitos.

Estudo e Livre Exame

Meus amigos, não penseis vós que o progresso para Deus, em que a alma alça vós para os etéreos páramos da espiritualidade maior se confina em uma única estância; o progresso é infinito, e a caminhada é longa e penosa através do carreiro do tempo; a Natureza não dá saltos, pois não se concebe que nada produz em estado latente.

Volvei o vosso olhar para o interior de um chiqueiro, e observai que lá dentro repousa o suíno ocioso e impanturado a espera do alimento diário; todavia, o condor, imponente figura alada corta os ares límpidos e puros procurando atingir ápices mais altos distantes do solo pútrido e fétido do chiqueiro.

Si fores mais além, no terreno das observações pessoais, constatareis que, enquanto o verme se alimenta no subsolo o beija-flor, esta poeta figura alada se alimenta unicamente do nectar das flores!

Assim também, podereis observar que o homem (comum) e ignorante, encontra prazeres com coisas de ínfima importância distante de qualquer patrimônio espiritual, e fugindo sempre das conversações e congregações edificantes, a pretexto de se enfadar com elas; todavia, assim não faz o homem sábio, o qual ao contrário, busca o ânimo e o édulo da alma através do estudo e de constantes conversações esclarecedoras, porém, sempre na condição de aprendiz, pois somente o homem atrasado e ignorante guarda a doentia pretensão de ser sábio. — enquanto êste mais sabe que nada sabe!

Portanto estudai, examinai tudo, pois o próprio apóstolo Paulo, o convertido de Damasco (Átos IX: 6) nos convida ao exame de tudo retendo o que há de bom (I Tessalonicenses, V: 21). Meu amigo, não é somente ao homem que mata que se dá o nome de assassino, mas também aos que oprimem as consciências humanas, pois cada qual tem o sagrado dever de pensar por si mesmo, sendo que o ser humano não é animal de cabresto submetido as ordens e vontades pessoais de um homem, muitas vezes mais animal que o próprio animal, cheio de vontades,

e «baixos desejos» que em nada differencia dos demais homens.

Mente todo aquêlê que diz que resolve os problemas alheios perante Deus, mente, porque somente nós podemos resolver as nossas questões pessoais e dar conta de nós mesmos a Deus (Romanos, XIV: 12) si o próprio Cristo disse que julgaria cada um segundo as obras de cada um, como querem então criaturas fallhas e pecadoras julgar a falhos e pecadores? Sòmente Jesus pode promover julgamentos, pois que é Êle o único mediador entre Deus e os homens (I Thimóteo II: 5). Quantas criaturas se nos apresentam sob o rótulo da bondade, da verdade e até mesmo da infalibilidade, óh, infelizes, sois todos vós dignos de lástimas! si o próprio Cristo em sua simplicidade diz que bom é só Deus e não Êle, (Mateus, XIX: 17 e Lucas, X: 18), Oh, pobres criaturas, consultai as vossas consciências e atirem se por ventura forem capazes a primeira pedra! (João, VIII: 7).

Portanto, meus amigos, procurai aprender sempre, pois que esta é a lei.

Dê livre curso à torrente das idéias acumuladas em vossa mentalidade, porque suicida não é somente aquêlê que ingere o líquido letal, porém, todo aquêlê que se deixa conduzir pela diretriz alheia.

Para que tendes vós a cabeça? será somente para usar o cabelo ou o chapéu? não, a cabeça não é somente para usos de adornos mas para fins mais importantes, os quais sejam: pensar e resolver os problemas que porventura vos acometer.

Como? não tendes então vontade para estudar e adquirir conhecimentos com o próprio esforço? ora, meus amigos, não imitai o suíno embrutecido e ocioso a espera da ração diária.

Imitai, sim, o condor que em vós elevados busca sempre atingir os ápices mais altos!

Costumava dizer um grande pensador alemão: «não existe nada mais funesto do que uma ignorância em atividade».

Paulo Rodrigues Alves.

Crônica Estrangeira

Uma Região da Lombardia em Comoção

Pavorosos Fantasmas na casa da Loura Viúva de Liscate

Há dois meses ressoam, de noite, violentos golpes na casa assombrada e um lúgubre espectro de homem anda pelos quartos

Milão, 2 — Os 1.350 habitantes de Liscate, um subúrbio perto de Melzo, distante 17 quilômetros de Milão, há algumas semanas, vivem num ambiente de pavor.

Nas casas, nas estalagens, não falam senão de bruxaria e de lúgubres visões de espectros.

Por essas inesperadas aparições de fantasmas, é involuntária responsável uma jovem loura viúva, Maria Manelli, de 28 anos, mãe de um menino de 4 anos e moradora na localidade, no n.º 7 da Rua Principal, em uma habitação de andar térreo. Nessa casa os fantasmas haviam instalado seu quartel general. Tudo começou certa noite dois meses atrás. A senhora e o pequeno dormiam tranquilamente, quando foram despertados por uma série de violentos golpes na parede que separa o quarto da cozinha. A viúva Manelli levantou-se, foi ver a peça contígua, mas, nada descobrindo de anormal, voltou ao leito mas os golpes recommçaram e perderam por quasi toda noite.

Na noite seguinte, a cena se repetiu sem variar. Então toda aterrorizada a viúva Manelli na manhã seguinte se hospedou com a mãe, Inês, e algumas amigas, entre as quais a proprietária de uma estalagem, Rosa Carioni e a filha ao lado, Luiza de 21 anos. Resolveram mandar o menino dormir, naquela noite, com a avó Inês e que as duas Carioni dividiriam o leito com Maria Manelli. Mas eis que depois das três mulheres — a Manelli e as duas Carioni — estarem deitadas, se reproduzem as pancadas, a pavorosa cadência do «toc toc» foi claramente ouvida não só pela Manelli, mas também pelas duas Carioni, tanto que em certo momento, a mãe Ca-

rioni não mais, podendo suportar, levanta-se precipitadamente e sai da casa dos fantasmas.

A fazer companhia à Manelli permaneceu a filha. Na noite seguinte, as duas mulheres, a jovem Carioni e a Manelli, novamente resolveram dormir juntas e dessa vés, em lugar do «toc toc» ouviram um misterioso ruído e acesa a luz, as duas mulheres lançavam um grito de terror: sôbre uma parede aparecia claramente a sombra de um homem magro, altíssimo, cujos braços terminavam sem mãos. Parecia arrojarse para a cama, mas ao grito das duas mulheres, desapareceu repentinamente.

Na noite seguinte, ainda voltaram os rumores muito fortes, mesmo quando o sacerdote do lugar, que fôra à casa dos espectros para exorcizar o ambiente.

Então a Manelli resolveu dormir em casa da mãe, mas de novo os rumores do fantasma lá se fizeram ouvir, e não só foram ouvidos pela jovem mas também pela Manelli.

Agora, há três ou quatro dias parece terem-se acabado as manifestações espectrais, mas, naturalmente, em Liscate não falam de outra cousa, pois nem um agente de polícia conseguira alcançar algum êxito sobre uma eventual origem terrena das mencionadas manifestações.

De «Fanfulla», 3/12/57.



Pegou na mão de um fantasma...

De «Estudos Psíquicos»

Psichic News de 31 de Agosto insere uma história curiosa que não resistimos a transcrever. É a história de um homem que sentiu a mão de um fantasma na cidade de Buffalo, nordeste da Inglaterra.

H. W. Holmes reside em 27 Mayfield Grove, Long Eaton, Nottinghamshire, onde trabalha, e foi enviado pelos patrões a outra parte da região. É sem-

pre bom mudar de ares e o viajante ia contente.

Depois de se alojar, procurou alguma coisa onde passar as horas de folga e descobriu uma loja maçônica a que chamavam *Orgulho de York*. Foi amavelmente recebido por todos os sócios e fez algumas visitas, quando lhe anunciaram a morte de um sócio muito respeitável. O entêrro seria realizado dias depois e o nosso mortal mostrou desejo de assistir.

Geralmente, os sócios da loja juntam as mãos para fazer uma corrente em círculo. Mas num entêrro a corrente é quebrada, deixando vago o lugar do irmão que partiu.

Depois dos officios religiosos começou a cerimônia em tórno da sepultura e o sr. Holmes ficou muito impressionado. Diz êle :

— Eu pensava no irmão defunto que nunca vira e notei em todos sinal de grande sentimento; fiquei, porém, admirado ao ver que o meu companheiro da direita não olhava para a sepultura, mas para o céu, como quem desafia a morte.

Em seguida veio a ordem :

— Irmãos, formem a cadeia. Um irmão está ausente do nosso grupo. Deixemo-lo no seio de Deus.

Deram as mãos, mas o sr. Holmes ficou em grande preocupação em ver que o círculo estava fechado. Sim, a corrente não se quebrara em parte alguma...

— Só notei que a mão do meu companheiro da direita parecia gelada e admirei-me da cadeia não ter ficado aberta...

E no sentido de precisar ainda mais a sua fiscalização, acrescenta :

— Olhei à volta para ver se os outros irmãos tinham notado isto, mas êles não deram sinal de nada. Coloquei então a minha folha de hera junto de outras homenagens e saí discretamente.

A caminho de casa o senhor Holmes, encontrou a resposta à pergunta que lhe pairava na mente.

Falando com um sócio que assistira ao funeral, mostrara-lhe a sua estranheza por a corrente não ter sido quebrada. E conclui :

— Êle ficou muito embaraçado e afirmou-me peremptóriamente que o círculo não estava fechado e que a minha mão direita não tocara na mão de ninguém...

Afinal, o sr. Holmens julgou que segurava a mão de um homem e era a mão de um fantasma. Não deve ter ganhado nem para o susto.



ESPIRITISMO NO BRASIL

Inaugurado em Campinas o Lar «Caminho da Verdade»

Significativa homenagem à memória do Dr. Joaquim de Sousa Ribeiro — Presentes autoridades e o Deputado Armando Farabulini Junior

Momento marcado de fé e solidariedade humana foi, sem dúvida, a inauguração, domingo último, do Lar «Caminho da Verdade», no alto do Bonfim, destinado ao abrigo de menores necessitados.

Uma obra de coragem e confiança, um esforço nitidamente filantrópico. Nela não se distingue nem o mínimo sentido de preocupações outras, senão aquela de

atentar para o próximo e socorrê-lo naquella situação em que mais necessitado se apresenta: a situação da criança abandonada.

Instituição para servir, e para servir num setor onde mais necessitada se encontra a sociedade, o Lar «Caminho da Verdade» está a merecer o apôio e a estima do povo campineiro, pois a Campinas é que êle pertence e pela sociedade de Campinas é que está êle a postos.

Capítulo do mais alto e justo sentimento de estima e afeto foi aquêlê atô de homenagem ao nome e à memória do saudoso médico e homem bom que foi o dr. Joaquim de Sousa Ribeiro.

Uma expressão de simpatia humana cuja propriedade foi por todos verificada, pois se um lugar existe onde esteja bem,

sempre, o retrato do dr. Sousa Ribeiro, é aquêlê onde, por qualquer maneira, se busque servir ao homem com o amparo e na necessidade.

Inaugurando ali, a lembrança fotográfica do grande cidadão e homem de bem que foi o dr. Sousa Ribeiro, o Lar «Caminho da Verdade» prestou um serviço de reconhecimento e de homenagem, que todos quantos conviveram com o saudoso cidadão tem por justíssima e oportuna.

A Inauguração

O salão nobre do Lar «Caminho da Verdade» se encontrava literalmente tomado quando o nosso redator chefe, jornalista Luso Ventura, assumindo a direção dos trabalhos, por delegação do sr. Benedito Gonçalves do Nascimento, presidente da entidade, convidou para tomarem assento à mesa os srs: Demétrio Carvalho de Toledo, juiz da Vara de Menores de Campinas; dr. José Tuílio Nogueira de Sá, juiz de direito da comarca de Limeira; deputado Armando Farabulini Junior; jornalista Braulio Mendes Nogueira do D. E. e Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Cultural da prefeitura municipal; exma. sra. d. Nancy Sousa Ribeiro; Benedito Gonçalves do Nascimento, presidente da Associação «Caminho da Verdade»; prof. Ernesto Alves Filho, nosso companheiro de redação.

Encontravam-se presentes várias representações, dentre as quais pudemos tomar conhecimento: vereador Jandir Sales, representando a Camara Municipal; Major Genésio Nitrini, sub-comandante do 8.º B. C.; sr. Carmine Campagnoni, do Educandário «Euripedes»; sr. Jolumá Brito, delegado do Sindicato de jornalistas do Estado de São Paulo.

Os Oradores

Abrindo a sessão, falou o jornalista Luso Ventura, que em breve e expressivo discurso não só expôs os objetivos da instituição que ali se inaugurava, mas fez a apresentação do orador oficial, deputado Farabulini Junior, e traçou o sentido da personalidade do dr. Sousa Ribeiro. Apresentou ainda o prof. Ernesto Alves Filho, que falaria sobre o homenageado da tarde.

Com a palavra, logo a seguir, o deputado Farabulini Junior estudou a situa-

ção do menor abandonado em São Paulo, bem como o que se tem feito em prol de sua recuperação. Estudou o estado atual do problema, as verbas em vigor e traçou a linha das perspectivas futuras. O orador estabeleceu minuciosamente o panorama e os esquemas dentro dos quais espera o Estado poder dar ao menor os bens de que necessita.

Após o discurso do deputado Farabulini Junior, falou o nosso companheiro de redação, prof. Ernesto Alves Filho. Inaugurava-se ali na sala o retrato do dr. Joaquim de Sousa Ribeiro, cuja personalidade o orador estudou sob o tema: «Um homem que viveu como um homem». Discurso rápido em que se focalizaram os vários aspectos da ação e da maneira de ser do saudoso médico, jornalista e homem de convicções.

Agradecimento em nome da família Sousa Ribeiro

Agradecendo, a seguir, em nome da família Sousa Ribeiro ali presente, falou o dr. Omar de Sousa Ribeiro.

Falou ainda, em nome da instituição, o Major Genésio Nitrini e, por fim, expondo os objetivos do Lar «Caminho da Verdade», falou o sr. Benedito Gonçalves do Nascimento, homem que tem dado o melhor de seus esforços e devotadamente tudo fez por que ali se levantasse aquela obra.

Do «Correio Popular», de Campinas, de 17 de Dezembro de 1957.



Participação

Os Oficiais Diplomandos da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, realizaram no dia 21 de Dezembro último, às 17 horas, no Auditório da Escola (Praça General Velurcio — Praia Vermelha), Rio, uma Reunião Gratulatória por motivo da feliz conclusão do Curso.

A cerimônia, sob o patrocínio da Cruzada dos Militares Espíritas, foi presidida pelo Exmo. Snr. General Augusto da Cunha Duque Estrada e teve como orador, o Exmo. Snr. Marechal Mário Travassos.



Revista Internacional do Espiritismo

Almeja aos seus distintos colaboradores, leitores e representantes, paz, luz e crescente progresso espiritual no decorrer do ano que ora se inicia.

1-1-1958.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 333.749,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.



Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião ordinária realizada em 7 de Dezembro de 1957.

Com a presença de dezoito conselheiros, realizou-se em 7 de Dezembro a última reunião ordinária do Conselho Federativo Nacional, no corrente ano de 1957.

Após proferir a prece inicial, o Presidente saúda e dá posse ao representante da União Social Espírita da Bahia, Major Ruy Vidal de Araújo, e manifesta a satisfação de todos pela recondução ao Conselho do Coronel Delfino Ferreira, como

representante da Federação Espírita do Paraná. Saúda ainda, em nome do Conselho, o Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, Prof. Abdias Antonio de Oliveira. É lida e aprovada a ata da reunião anterior.

O Secretário do Conselho, atendendo a um pedido de esclarecimento, informou que a carta dirigida ao Dr. Çanuto de Abreu, em 9 de Outubro de 1956, referia-se à publicação de um trabalho sobre a vida e a obra de Allan Kardec, trabalho que aquêle ilustre confrade estava escrevendo e que pretendia editar por ocasião do Centenário da Codificação, o qual, em parte, havia sido publicado no jornal «Unificação».

Tomando conhecimento de uma consulta da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, datada de 9 de Novembro próximo passado, o Conselho Federativo Nacional resolveu que reuniões espíritas estaduais, sob qualquer denominação, devem ser convocadas e dirigidas pelas Sociedades de âmbito no Estado (integradas no C. F. N.) em que elas se realizarem, e que as reuniões nacionais serão convocadas e dirigidas pela Sociedade de âmbito nacional — a Federação Espírita Brasileira, reafirmando, assim a resolução deste Conselho, em 7 de Janeiro de 1956.

O Conselheiro Carlos Jordão da Silva lê longo memorial enviado pela União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo, memorial que, por proposta do Conselheiro Aurino Souto, foi encaminhado a uma Comissão composta pelos Conselheiros Indalício Mendes, Atlas de Castro e Clemente Martins.

Tomando conhecimento de assuntos do Estado de Minas Gerais, o Conselho resolveu solicitar à União Espírita Mineira o estudo deles, reenviando-os posteriormente ao Conselho, caso ela julgue necessário.

Às dezesseis horas, feita a prece final pelo Conselheiro Carlos Jordão da Silva, encerra o Presidente a reunião.

*Mestre! Inundas-me no esplendor de Tua luz e, contudo, cego, não Te vejo!
Falas-me na eloquência de Teu verbo e, no entanto, surdo, não Te ouço.
Abrasa-me na ardência de Teu amor e todavia, insensível, não Te sinto.
Oh! estranha contradição! Tu, bem perto de mim, e eu, tão longe de Ti!
Senhor, desvela-me os olhos, cegos de orgulho; abre-me os ouvidos, surdos de vaidade, e sensibiliza-me o coração, duro de maldade, para que eu descubra
Tua divina presença na intimidade de meu sêr!*

Rubens C. Romanelli.

ÍNDICE

DAS MATÉRIAS CONTIDAS NO 33.º ANO DA

Revista Internacional do Espiritismo

(FEVEREIRO DE 1957 A JANEIRO DE 1958)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1957

	Página
32.º Ano de Existência	Redação 1
O Erro	Henrique Rodrigues 2
Os Astros nada revelam em favor da Astrologia	V. O. Casella 5
Memórias de um Espírita Baiano	Leopoldo Machado 6
Homenagem Involuntária	Ismael Gomes Braga 9
Epílogo do Natal...	General Levino C. Wischral 10
O Judeu, sua História, sua Missão	Bianor Medeiros 12
Quatro Faixas de Consciências	Newton Boechat 16
Livros e Autores	Leopoldo Machado 17
Crônica Estrangeira	Redação 19
A Vida	Manuel Cavaco 21
Espiritismo no Brasil	Redação 22

N.º 2 — MARÇO DE 1957

João Leão Pitta	Redação 25
O Erro	Henrique Rodrigues 27
Sobre o Esperanto	Ismael Gomes Braga 30
Os Astros não regem nossos Pensamentos	V. O. Casella 31
O Judeu, sua História, sua Missão	Bianôr Medeiros 33
Memórias de um Espírita Baiano	Leopoldo Machado 36
Uso do termo Ionização na Fenomenologia Espírita	Cícero Pimentel 39
Salutar Movimento Espírita na Argentina	Arnaldo S. Thiago 40
E, a Criança Nasceu!...	General Levino C. Wischral 42
Crônica Estrangeira	Redação 45
Espiritismo no Brasil	» 47

N.ºs 3 e 4 — ABRIL-MAIO DE 1957

Centenário da Codificação do Espiritismo	Redação 49
O Erro	Henrique Rodrigues 50
Os Astros não são ditâmes para o Destino do Homem	V. O. Casella 53
O sentido didático do «Livro dos Espíritos»	Deolindo Amorim 55
Memórias de um Espírita Baiano	Leopoldo Machado 57
Igreja não, Escola	Bianôr Medeiros 60
Livros e Autores	Leopoldo Machado 64
Os Grandes Iniciados, Jesus Cristo e o Livro «O Pentecoste»	Palmiro de Azambuja Neves 65
Nasceu com duas cabeças	General Levino C. Wischral 68
Crônica Estrangeira	Redação 71
Espiritismo no Brasil	» 73

N.º 5 — JUNHO DE 1957

	Página
O Ano do 1.º Centenário	Redação 82
Ainda, Ramatis	V. O. Casella 83
O Erro	Henrique Rodrigues 84
Igreja não, Escola	Bianôr Medeiros 86
Livros e Autores	Leopoldo Machado 90
Incompreensão ? Intolerância ?	Dr. Inácio Ferreira 91
Operações Espirituais e Curas	General Levino C. Wischral 93
«A Missão de Allan Kardec»	Aleixo Victor Magaldi 94
Memórias de um Espírita Baiano	Leopoldo Machado 96
Crônica Estrangeira	Redação 98
Espiritismo no Brasil	» 101

N.º 6 — JULHO DE 1957

Chegou a Hora	Redação 105
Ainda, Ramatis	V. O. Casella 106
As Últimas Palavras de Jesus	Bianôr Medeiros 108
A Evolução Espiritual e Física	Henrique Rodrigues 111
Home e o Espiritismo	Deolindo Amorim 114
Aulas de Espiritismo em Escola Oficial	M. A. R. Novelino 116
Memórias de um Espírita Baiano	Leopoldo Machado 118
Ânimo, nem tudo está perdido !...	General Levino C. Wischral 120
Livros e Autores	Leopoldo Machado 121
Crônica Estrangeira	Redação 123
Espiritismo no Brasil	» 125

N.º 7 — AGOSTO DE 1957

O Espírito Conservador e as Novas Idéias	Redação 129
A Evolução Espiritual e Física	Henrique Rodrigues 130
Nebulosas. Berços de Estrêlas	V. O. Casella 133
Torturava seus Escravos...	General Levino C. Wischral 134
Memórias de um Espírita Baiano	Leopoldo Machado 136
A Paz do Senhor	Bianôr Medeiros 138
Da Bíblia aos nossos dias	Aleixo Victor Magaldi 143
Deus salve Allan Kardec	Leopoldo Machado 145
Crônica Estrangeira	Redação 147
Espiritismo no Brasil	» 149
Necrologia	» 152

N.º 8 — SETEMBRO DE 1957

22 de Setembro	Redação 153
A Evolução Espiritual e Física	Henrique Rodrigues 154
Espiritismo, Doutrina Evolutiva	V. O. Casella 156
D. Gracinda Batista	Redação 158
País Internacional	General Levino C. Wischral 159
Memórias de um Espírita Baiano	Leopoldo Machado 163
Solilóquio	Manuel Cavaco 166
Síntese da Evolução Espiritual da Humanidade	Bianôr Medeiros 167
Livros e Autores	Leopoldo Machado 170
Crônica Estrangeira	Redação 171
Espiritismo no Brasil	» 173
Desencarnou o Prof. Leopoldo Machado	» 174

N.º 9 — OUTUBRO DE 1957

	Página
Allan Kardec	Redação 177
Evolução Espiritual e Física	Henrique Rodrigues 178
Renovemo-nos hoje	Cairbar Schutel 181
Algumas palavras sobre Leopoldo Machado	Deolindo Amorim 182
Moral e Sabedoria. Asas Evolutivas	V. O. Casella 183
Discurso em Homenagem a Leopoldo Machado	Do «Diário Oficial» — Rio 185
Memórias de um Espirita Baiano	Leopoldo Machado 187
Como Orador. Fascinava Multidões!	General Levino C. Wischral 189
Livros e Autores	Leopoldo Machado 190
Curso Oficial de Esperanto em S. Paulo	Ismael Gomes Braga 191
Da Bíblia aos nossos dias	Arnaldo S. Thiago 192
Só o Amor Constrói	Fernando Pereira de Moraes 195
Crônica Estrangeira	Redação 196
Espiritismo no Brasil	» 199

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1957

Espiritismo, Doutrina Progressista	Redação 201
Espírito sem medida	Oswaldo Polidoro 202
O Sol e seus Planetas	V. O. Casella 204
Volta Cairbar...	Ismael Gomes Braga 206
O valor dos Sêlos Espíritas	Cícero Pimentel 207
A meu irmão católico	General Levino C. Wischral 208
Memórias de um Espirita Baiano	Leopoldo Machado 211
Kardec, Ramatis e o Planeta Marte	Rodolpho dos Santos Fer- reira 213
Livros e Autores	Leopoldo Machado 214
O Velho Leopoldo	Carlos Imbassahy 216
A Grandeza da Simplicidade	Waldomiro da Gama 217
O Espiritismo aconselha comer carne	Aleixo Victor Magaldi 218
Crônica Estrangeira	Redação 220
Espiritismo no Brasil	» 223

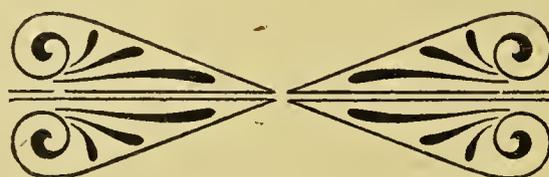
N.º 11 — DEZEMBRO DE 1957

Natal	Redação 225
O Militar em face do Espiritismo	General Levino C. Wischral 227
O Plano Divino da Evolução	Ismael Gomes Braga 228
A Bíblia e o Espiritismo	J. Herculano Pires 229
Congresso Mundial de Espiritismo em Paris	Do «Correio da Manhã», Rio 231
A Ciência a serviço do Materialismo	V. O. Casella 234
Sêres Humanos sem Cérebro	Cícero Pimentel 236
Carta Aberta	Aleixo Victor Magaldi 237
Mais um Colaborador...	Rodolpho dos Santos Fer- reira 238
A Ressurreição	Bianôr Medeiros 240
Crônica Estrangeira	Redação 244
Espiritismo no Brasil	» 247

N.º 12 — JANEIRO DE 1958

Cairbar Schutel	Redação 249
Evolucionismo	Luiz Caramaschi 250
Transformismo e Espiritismo	Carlos Imbassahy 253

	Página
Ao Professor Arnaldo Santiago	<i>Mário Cavalcanti de Mello</i> 255
Ramatis e a Ciência	<i>V. O. Casella</i> 259
Memórias de um Espírita Baiano	<i>Leopoldo Machado</i> 263
Evitem de intoxicar ainda mais o organismo	<i>Dr. Giuseppe M. Minardi</i> 265
Como julgamos Deus, a Verdade e as Religiões	<i>General Levino C. Wischral</i> 267
Estudo e Livre Exame	<i>Paulo Rodrigues Alves</i> 268
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i> 269
Espiritismo no Brasil	» 270



Obras mediúnicas recebidas pelo
médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Ação e Reação
O Consolador
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Os Mensageiros
Novas Mensagens
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

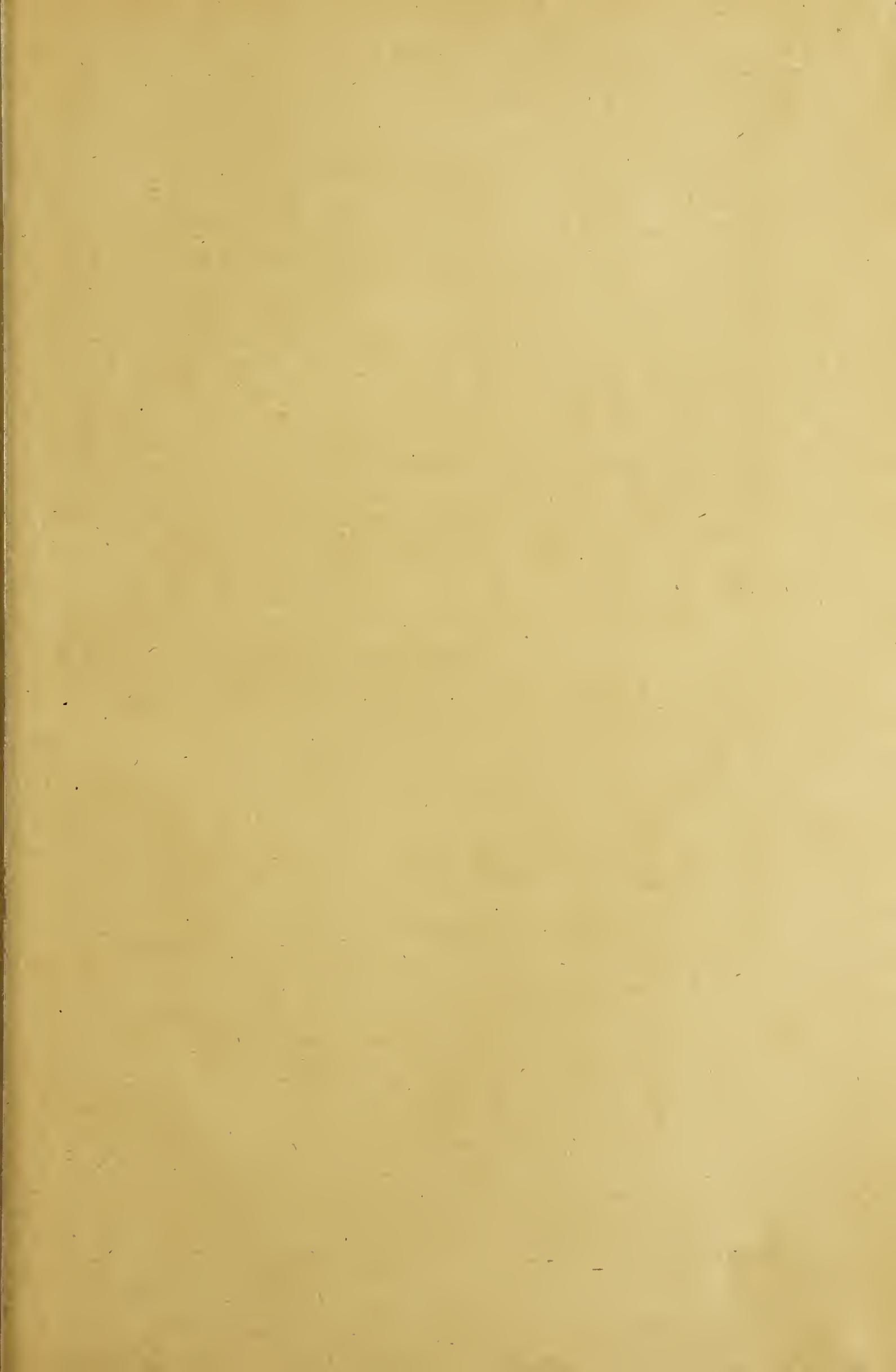
— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades



Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. É um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	„ „	75,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

8931CL

02-06-07 32180

835

XL

Group

182-11-1000

FOR LIBRARY USE ONLY

NOT FOR LIBRARY USE

